

Macau 澳門



FÓRUM DE MACAU

POTENCIAR O FUTURO EM CONJUNTO

- **Novo Secretário-Geral** elogia vantagens da plataforma de Macau
- **Reunião Extraordinária Ministerial** elenca pandemia e recuperação económica como prioridades

PLANO DIRECTOR LANÇA TRAVES-MESTRAS PARA MALHA URBANA



BARCOS-DRAGÃO: PARA LÁ DA TRADIÇÃO



CHUI SAI CHEONG

INTEGRAÇÃO NACIONAL ESSENCIAL PARA RAEM





Investor's “One-Stop” Service 投資者“一站式”服務

服務內容

Service Fields

- 澳門投資環境諮詢
Information and advice about the investment environment in Macao
- 委派專人協助跟進落實在澳投資計劃
Designated staff to follow up on the investment plan in Macao
- 透過技術會議了解開展投資計劃所需手續
Understand the procedures required to start the investment plan through technical meetings
- 專責公證員成立公司
Notary service for company registration
- 協助跟進牌照申領等各項行政手續
Follow up with assistance of administrative procedures for licence application
- 提供澳門投資相關法律事務的諮詢
Legal consultation for investment in Macao
- 向投資者提供商業配套服務資訊
Business support and service information

聯絡資料

Contact Information

澳門貿易投資促進局—投資促進處
Investment Promotion Division - IPIM

澳門宋玉生廣場263號中土大廈19樓
Alameda Dr. Carlos d'Assumpção, No. 263,
China Civil Plaza Building, 19th floor, Macao
電話/Tel: (853) 2872 8328
傳真/Fax: (853) 2872 7506
電郵/E-mail: onestopservice@ipim.gov.mo
網址/Website: www.ipim.gov.mo



澳門貿易投資促進局

Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

辦公時間 Office Hours

早上/ Morning: 09:00-13:00 (星期一至五 / Monday to Friday)
下午/ Afternoon: 14:30-17:45 (星期一至四 / Monday to Thursday)
14:30-17:30 (星期五 / Friday)

Macau 澳門

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA

Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

TIRAGEM

500 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER

App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo

Nota: Utilizadores já existentes das apps da Revista Macau devem descarregar a versão mais recente para ter acesso a todos os conteúdos.



PLANO DIRECTOR LANÇA BASES PARA DESENVOLVIMENTO URBANO ◀ 8

Documento considerado estruturante para o futuro da RAEM



FÓRUM DE MACAU TRAÇA PRIORIDADES ◀ 18

Novo Secretário-Geral confiante no aprofundamento dos laços sino-lusófonos



REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA MINISTERIAL ◀ 24

China e lusofonia apostam no desenvolvimento comum



ENTREVISTA

COOPERAÇÃO COM GUANGDONG OFERECE OPORTUNIDADES INÉDITAS ◀42

Recentemente agraciado com a Medalha de Honra Lótus de Ouro, Chui Sai Cheong fala à Revista Macau sobre integração no desenvolvimento nacional



CHAMAMENTO DO DRAGÃO ◀70

Regatas Internacionais de Barcos-Dragão animam Lago Nam Van

Janela para Cabo Verde ◀52

Cabo-verdianos na RAEM,
uma comunidade bem-integrada

Novos horizontes para talentos musicais ◀56

Orquestra Sinfónica Jovem
celebra quarto de século

OUTROS TEMAS



28 ▶ NOVA FÁBRICA DE
MEDICINA TRADICIONAL
CHINESA APOSTA
NA INOVAÇÃO

34 ▶ SI HEUNG: 60 ANOS A
VENDER AMENDOINS E
PETISCOS TRADICIONAIS

38 ▶ SECTOR DA EDUCAÇÃO
EM FORTE CRESCIMENTO
EM HENGQIN

48 ▶ TELEMÓVEIS CHINESES
GANHAM POPULARIDADE
EM PORTUGAL

62 ▶ ANTÓNIO DA AMADA
IZIDRO LANÇA “LI BAI
- A VIA DO IMORTAL”

66 ▶ MUSEU DE ARTE RECEBE
EXPOSIÇÃO DE OBRAS
DE TAM CHI SANG

76 ▶ SQUASH DE MACAU
PROCURA SUCESSO
ALÉM-PORTAS

+MACAU

+ 80

A cidade de
afectos de
Anabela Ritchie



+ 84

Marina de Senna
Fernandes:
em busca de
sabores perdidos



+ 86

Roteiro



Versão 2.0 de plataforma digital Conta Única já disponível

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) lançou em Abril uma versão otimizada da plataforma digital Conta Única, disponível em formato aplicação móvel e página electrónica (<https://www.gov.mo/pt/app>). A versão 2.0, com um novo interface, oferece acesso centralizado a um total de 127 serviços electrónicos disponibilizados por entidades públicas e similares, que vão desde o pagamento do imposto de circulação ao tratamento “online” da prova de vida.

De acordo com dados da Direcção dos Serviços de Administração e Função Pública (SAFP), até Abril, mais de 330 mil pessoas já tinham efectuado o respectivo registo na plataforma da Conta Única.

Segundo os SAFP, o lançamento da versão 2.0 da Conta Única “eleva a governação electrónica em Macau para um novo patamar”, representando “mais um passo” para o desenvolvimento do território como uma cidade inteligente.



GOVERNAÇÃO ELECTRÓNICA

Politécnico passa a Universidade Politécnica

Macau “ganhou” mais uma universidade: por decisão do Governo, o Instituto Politécnico de Macau passou a chamar-se, desde Março deste ano, Universidade Politécnica de Macau. As respectivas escolas superiores passaram também a faculdades.

A nova Universidade Politécnica tem por objectivo a promoção do desenvolvimento do ensino superior em Macau, reforçando a interacção indústria-academia-investigação. A instituição irá, gradualmente, introduzir novos cursos nas áreas das ciências e engenharias, nomeadamente nos

campos da matemática aplicada, inteligência artificial e medias digitais.

A universidade pretende também reforçar os seus trabalhos de ensino e investigação de línguas, para apoiar Macau no papel de plataforma entre a China e os países de língua portuguesa.

ENSINO SUPERIOR

Museu do Grande Prémio lança visita virtual



O Museu do Grande Prémio de Macau está agora acessível através de visita virtual com visão panorâmica de 360 graus. A ferramenta, disponível na página electrónica do museu (<https://mgpm.macaotourism.gov.mo>), permite a todos os interessados percorrer as galerias do espaço de forma “online”.

A novidade oferece aos visitantes “formas diversificadas e interactivas” de conhecer a história do Grande

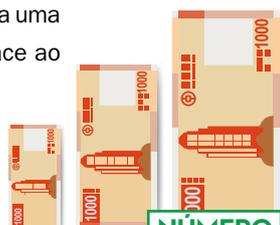
Prémio de Macau, refere a Direcção dos Serviços de Turismo, responsável pelo museu.

O Museu do Grande Prémio de Macau reabriu ao público no ano passado, após obras de remodelação e expansão. A área total do espaço aumentou seis vezes em relação à do antigo museu, para cerca de 16.000 metros quadrados, divididos por quatro pisos.

TURISMO

MOP15.800

Mediana do rendimento mensal do emprego da população empregada em 2021. O valor representa uma subida de 5,3 por cento face ao ano anterior.



NÚMERO

Cidade conectada

Agregados familiares que usavam a Internet



Fonte: DSEC

A taxa de utilização de tecnologias de informação entre a população de Macau continua a aumentar. Os dados mais recentes indicam que o uso da Internet é cada vez mais generalizado, com o telemóvel a ser o equipamento de eleição para navegar “online”.

GRÁFICO



“Prevê-se que, em 2022, haverá cerca de 700 recém-graduados de Macau a concluir cursos de medicina em Macau ou no exterior”

AO IEONG U

SECRETÁRIA PARA OS ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURA

Resposta a interpeleção oral do deputado Leong Sun Iok

FRASE





Momento

PAUSA PARA UMA “CARA LAVADA” | Arrancam este mês as obras de reordenamento do Mercado Almirante Lacerda, conhecido por Mercado Vermelho. A intervenção, com duração de 657 dias, visa preservar e melhorar o espaço, em funcionamento há de mais de 80 anos e classificado como imóvel de valor arquitectónico e artístico de Macau. Entretanto, os vendedores do mercado foram transferidos para instalações provisórias, na Rua Marginal do Lam Mau. ▲ FOTO © GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PLANO DIRECTOR DA RAEM

Por uma cidade mais sustentável

O novo Plano Director da RAEM é considerado chave para o desenvolvimento urbano sustentável de Macau. O primeiro passo para a sua implementação está nos planos de pormenor, em que o Governo assegura já estar a trabalhar. No entanto, os efeitos no território serão medidos no longo prazo, sublinham vários especialistas





Texto | Marta Melo

EM vigor desde meados de Fevereiro, o Plano Director da Região Administrativa Especial de Macau (2020-2040) é considerado estruturante para o desenvolvimento urbano futuro da cidade, ao traçar as linhas gerais de organização do território para as próximas duas décadas. De acordo com o Governo, o documento regulamenta o ordenamento do espaço físico da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) e as condições de uso e aproveitamento dos solos, bem como inclui orientações sobre a

organização das infra-estruturas públicas e dos equipamentos de utilização colectiva.

“Daqui para a frente, este plano tem capacidade e potencial para influenciar de uma forma positiva o desenvolvimento urbano de Macau”, defende o arquitecto Nuno Soares. Ao mesmo tempo, e depois de um desenvolvimento acelerado da cidade nas últimas décadas, pode “desempenhar um papel efectivo” na organização da utilização dos terrenos existentes, segundo o urbanista Kaleb Lam Iek Chit.

Ao estabelecer as linhas mestras a seguir até 2040, o Plano Director vai permitir olhar para Macau como um todo e não de uma forma “casuística”, afirma

Nuno Soares, que é também coordenador do mestrado e licenciatura em arquitectura da Universidade de São José. Uma nova realidade que, acrescenta Edmund Li Sheng, docente em políticas públicas da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Macau, pode agilizar o trabalho dos vários departamentos públicos envolvidos na área do urbanismo. Segundo explica o académico, os projectos de empreendimentos urbanísticos deixam de ser analisados isoladamente, o que, consequentemente, “pode melhorar a eficiência” dos respectivos processos de aprovação.

Depois de apresentada a estratégia geral para o desenvolvimento



urbano da RAEM, a materialização do Plano Director será efectivada nos planos de pormenor. Estes irão concretizar, de forma detalhada, as propostas de ocupação para as diferentes áreas do território, em função das finalidades estipuladas pelo Plano Director. Tal incluirá a definição e regulamentação para cada zona, de forma pormenorizada, das finalidades dos solos, das condições de construção e da distribuição das infra-estruturas públicas e dos equipamentos de utilização colectiva. No total, vão ser elaborados 18 planos de pormenor, correspondentes às Unidades Operativas de Planeamento e Gestão (UOPG) em que o território passa a estar dividido, segundo o Plano Director.

Começar pelo mais fácil

Com este Plano Director, e segundo a Direcção dos Serviços de Solos e Construção Urbana (DSSCU), pretende-se “criar uma cidade feliz, inteligente, sustentável e resiliente”.

Nuno Soares acredita no potencial impacto do documento na melhoria da qualidade de vida no território, mas acrescenta que tal depende dos planos de pormenor. “Para uma boa implementação do Plano Director, e para que tenha efectivamente impacto a nível da qualidade de vida e da organização do território, é muito importante a qualidade de cada um dos planos de pormenor e a sua respectiva articulação.”

Para o arquitecto, os planos de pormenor devem ser desenvolvidos de forma coordenada ao nível da calendarização e da articulação mútua, “mas com alguma rapidez”. A sugestão é que os trabalhos se foquem inicialmente em “zonas que estão a precisar de mais planeamento”.

Do lado do Governo, há a garantia de que a elaboração dos planos de pormenor já começou, “de forma ordenada”. Numa resposta por escrito à Revista Macau, a DSSCU avança que “vai iniciar primeiramente os planos de pormenor de cinco Unidades Operativas de Planeamento e Gestão, incluindo a UOPG Este – 2”, ou seja, a Zona A dos Novos Aterros, junto ao norte da Península de Macau. Um trabalho que, acrescenta o organismo, além do Plano Director, terá em conta o Segundo Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da RAEM (2021-2025) e a Lei do Planeamento Urbanístico.

Na elaboração dos planos de pormenor, o urbanista Kaleb Lam defende que se deve “começar pelo fácil, antes do difícil”, sugerindo um foco, por exemplo, na Zona A dos Novos Aterros. O urbanista justifica-se com o facto de esta área já ter orientações de desenvolvimento urbano e por estarem em causa terrenos onde “não há propriedade privada”.

Também para o académico Edmund Li, a prioridade deve ser dada às zonas urbanas a nascer

Património: urgente preservar marcas da paisagem urbana

O PLANO Director tem na sua base a preservação do património histórico-cultural de Macau, assegurando a necessidade de salvaguardar não só o Centro Histórico, como outros bens imóveis classificados e bens que constituem o património cultural do território.

Para o arquitecto Nuno Soares, o maior impacto do plano prende-se com a questão de “eliminar ou reduzir a pressão” sobre o Centro Histórico da cidade. “Estamos a ter mais zonas para expandir e estamos a descentralizar uma série de serviços públicos para fora do centro. Não temos muita ambição de construir mais no centro, e as novas necessidades que existem vão ser supridas nas zonas envolventes”, diz.

Ainda assim, Nuno Soares defende que é preciso aumentar a lista de edifícios classificados, “e com alguma rapidez”. Segundo diz, “há uma série de tipologias que são muito marcantes na paisagem urbana de Macau” e que ainda não estão representadas na lista, como é o caso das casas-pátio. Para o arquitecto, este trabalho é importante, “porque todos os dias esse património se vai perdendo”. ▲

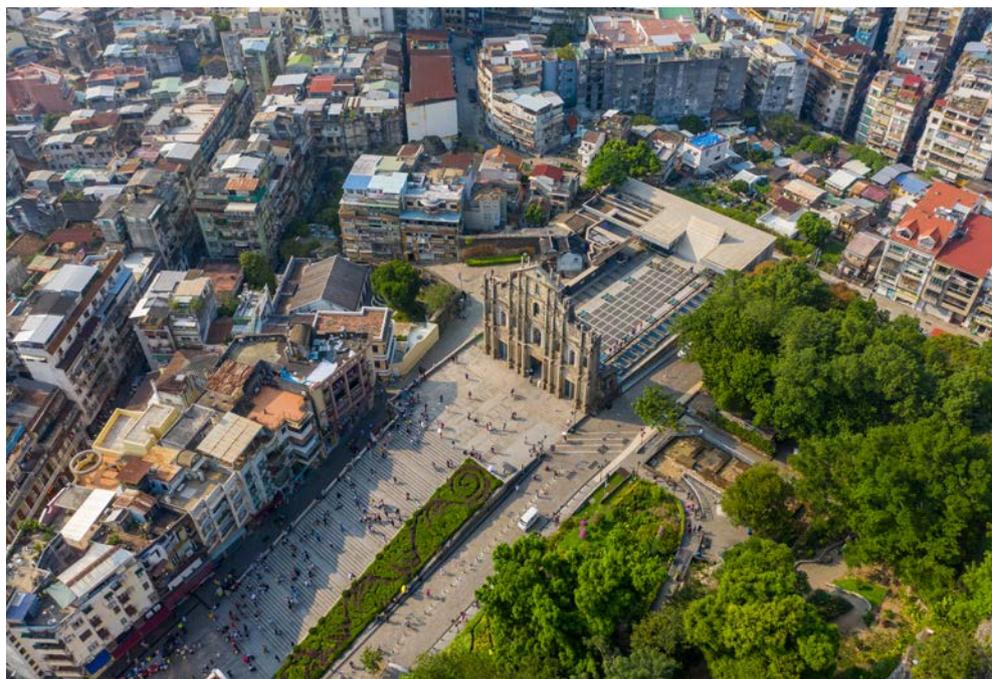
nos novos aterros. “São esperadas 100 mil pessoas a morar na Zona A”, recorda, acrescentando que parte dessa população poderá ser composta por pessoas actualmente a viver em prédios degradados na zona norte da península. A acontecer esse movimento, tal poderá “impulsionar os trabalhos de renovação urbana” nos bairros antigos do norte de Macau. “Existem muitos edifícios antigos na zona norte, o que causa muitos problemas nesta área”, sublinha Edmund Li.

Os planos de pormenor serão, de acordo com os esclarecimentos da DSSCU, sujeitos a “divulgação, exposição e consulta pública”. Mais informações serão divulgadas em “tempo oportuno”, diz o organismo.

Para a concretização efectiva do Plano Director, Edmund Li defende ainda medidas especiais por parte do Governo. Uma das sugestões passa pela “implementação de políticas ou regulamentação” para

36,8 km²

Área total estimada de Macau, após o desenvolvimento das Zonas C e D dos Novos Aterros, ampliação do aeroporto e conclusão de outros aterros adjacentes a zonas costeiras



Um dos objectivos do Plano Director é promover a preservação do património de Macau

© CHEONG KAM KA

atrair privados para trabalhar em conjunto com as autoridades locais no desenvolvimento urbano da cidade. Também a nível da administração pública o académico considera ser benéfico “estabelecer um novo mecanismo de cooperação interdepartamental”, visando “coordenar e mobilizar os departamentos relevantes para completar” a execução do Plano Director.

Impacto: da habitação à economia

Um dos impactos do Plano Director será uma maior clareza na aprovação de projectos imobiliários, segundo Edmund Li. O académico aponta que o documento fornece novas ferramentas à administração pública para apoiar os processos de decisão.

Uma das apostas do Governo para o futuro, de acordo com o Segundo Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da RAEM (2021-2025), é a que se prende com as políticas de habitação. Ao abrigo do Plano Director, a habitação ocupará mais de 21 por cento da área total do território.

“Com o Plano Director, podemos saber que tipo de terrenos há e quais são os critérios para o desenvolvimento futuro”, sublinha Mark Wong, director da representação em Macau da consultora imobiliária internacional Jones Lang LaSalle. Porém, acrescenta, os efeitos da estratégia do Governo não serão imediatos.

Tendo em consideração os planos do Executivo, continua Mark Wong, uma das áreas de intervenção inicial do sector privado poderá

Mais zonas verdes

UMA das intenções do Plano Director é preservar colinas, espelhos de água e zonas húmidas, por forma a “proteger os recursos naturais” e a biodiversidade do território. O plano prevê 18 por cento de zona não urbanizável e 8 por cento de zonas verdes. “Há uma grande ambição de aumentar a qualidade de vida e os espaços verdes”, nota o arquitecto Nuno Soares.

Na elaboração dos planos de pormenor, o académico Edmund Li Sheng defende que um dos aspectos

a ter em conta é a “preservação da paisagem”. “O Governo deve estar atento ao equilíbrio entre espaço verde e desenvolvimento económico”, aponta.

Coloane vai continuar a manter zonas verdes e espaços públicos abertos de grande dimensão. Estão ainda previstas novas áreas verdes na Zona A dos Novos Aterros (UOPG Este – 2), nas Zonas C e D dos Novos Aterros no norte da Taipa (UOPG Norte de Taipa – 1) e também na área do Porto Exterior (UOPG Zona do Porto Exterior – 2). ▲

ser a renovação urbana de prédios mais antigos. “Cerca de 30 por cento” dos edifícios de Macau “têm 30 ou mais anos”, refere. “Com o Plano Director, os investidores podem ajudar os proprietários, porque mais facilmente podem calcular os custos do investimento ou iniciar este tipo de empreendimento.”

O impacto da iniciativa do Governo sentir-se-á também na economia local. Para Ricardo Siu Chi Sen, docente da Faculdade

de Gestão de Empresas na Universidade de Macau, os ajustes introduzidos pelo Plano Director vão dar uma “base clara e realista para apoiar a diversificação moderada da economia a longo prazo”, ao dividir o uso dos terrenos nas finalidades comercial, turística e industrial. “O Plano Director dá uma imagem clara e referências às empresas para definirem estratégias de longo termo”, diz o académico. O que, acrescenta, será

relevante para o desenvolvimento da região como um centro mundial de turismo e lazer. Porém, Ricardo Siu, com obra publicada no campo da economia de Macau, sublinha que o impacto real do plano está interligado com a “reestruturação e melhoria de vários projectos de infra-estruturas”, incluindo estradas.

Ao reorganizar o território por finalidades, Nuno Soares acredita que o Plano Director vai permitir que “exista, de uma forma mais clara, papéis urbanos para zonas diferentes da cidade”. O arquitecto dá o exemplo do Bairro do Iao Hon, que anteriormente era uma zona para a qual não existia uma visão estratégica particular, pelo que foi ficando como zona habitacional. De acordo com o Plano Director, “esta zona vai ser uma zona de comércio, junto às Portas do Cerco, o que vai ser um factor de desenvolvimento e vai reforçar a identidade nesse local”, refere.

© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO



O plano mantém Coloane como o “pulmão verde” da RAEM



18 zonas

O Plano Director divide Macau em Unidades Operativas de Planeamento e Gestão (UOPG), cada uma com um plano de pormenor individual

Unidades Operativas de Planeamento e Gestão (UOPGs)



O controlo da densidade populacional e a elevação da qualidade de vida são metas traçadas pelo Plano Director

© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

Para Nuno Soares, a valorização das diferentes áreas da cidade passará, no entanto, pela articulação que for feita entre estas, através dos planos de pormenor. Um exemplo é a zona norte da península (UOPG Este – 1) e a Zona A dos Novos Aterros (UOPG Este – 2). “São casos claros em que, se os planos de pormenor forem bem articulados, conseguem trazer mais-valias a ambas as zonas. Conseguem-se criar uma sinergia que aumenta muito o potencial de cada uma.”

Apostar na indústria

A concentração da indústria em zonas limítrofes do território é considerada positiva para a vida da população. O Plano Director estabelece quatro pólos industriais para Macau: Parque Industrial Transfronteiriço da Ilha Verde,

Parque Industrial do Pac On da Taipa, Parque Industrial da Concórdia de Coloane e Parque Industrial de Ká-Hó. “Os terrenos originalmente destinados a indústria situados nas zonas habitacionais serão libertados para fins não industriais”, lê-se num comunicado do Conselho Executivo de Fevereiro, aquando da conclusão da discussão do regulamento administrativo referente ao Plano Director da RAEM.

Para Nuno Soares, esta medida permite “criar uma massa crítica” a nível industrial e acaba por “libertar o resto do tecido urbano da cidade para outras funções que são mais essenciais para a população no geral”.

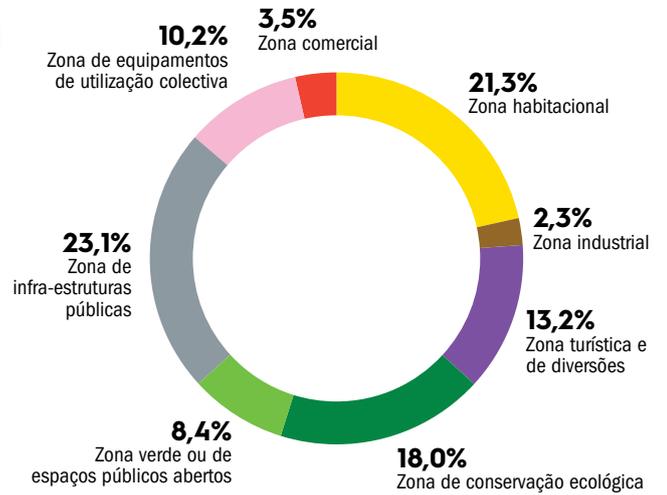
A fusão, no passado, de áreas residenciais e industriais ficou a dever-se, diz Edmund Li, à inexistência de um plano de

desenvolvimento económico e industrial a longo prazo, sendo um exemplo disso a Areia Preta. A deslocação das indústrias para fora das áreas residenciais trará, por isso, benefícios: “As operações de logística e de manufactura estão localizadas próximo de prédios residenciais, o que trouxe graves problemas de poluição e aumentou o congestionamento do tráfego. Se o Governo mantiver o seu plano de realocar estes empreendimentos industriais para a Taipa, Coloane e norte de Macau, a qualidade de vida dos residentes irá decerto melhorar”, afirma o académico.

Um dos objectivos da política passa também por incentivar a modernização e desenvolvimento industrial de Macau, de acordo com o Conselho Executivo. Kaleb Lam sustenta que tal deve ser assente

Wanzai,
Zhuhai

Península
de Macau



Mar do Sul
da China

Taipa

Cotai

Novo Campus
da Universidade
de Macau
na Ilha de Hengqin

Coloane

Finalidades dos solos



O documento defende a preservação das características singulares do tecido urbano dos bairros antigos

© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

numa estratégia: “Que tipo de indústria desenvolver? Qual o espaço que precisa? Qual o investimento?” O urbanista salienta, no entanto, que não deve ser criado um plano demasiado rígido, mas antes uma estratégia flexível.

Ricardo Siu considera que “é possível atrair empresas com forte valor acrescentado ou de pequena e média escala para criarem linhas

de produção” nestes parques. “Por exemplo, o Governo poderia oferecer apoios e incentivos efectivos para atrair empresas ligadas à medicina tradicional chinesa ou a produtos de alta tecnologia”, diz.

É na promoção de indústrias de alta tecnologia que Edmund Li antevê estar o futuro dos pólos industriais de Macau. O académico acredita que os efeitos da pandemia na indústria do entretenimento demonstraram os problemas da concentração de Macau em torno de um único sector, relançando a necessidade de diversificação da economia. “A medicina tradicional chinesa e as indústrias de ponta tornaram-se a solução para a revitalização industrial” e, na opinião de Edmund Li, “devem estar no topo das prioridades governamentais”.

O académico defende igualmente uma maior cooperação entre universidades e sector industrial. “Esses parques podem servir como plataformas ou meios para unir instituições académicas e empresas, e também disponibilizar espaço para partilhar equipamentos científicos”, como acontece no parque empresarial tecnológico de Cyberport em Hong Kong, sugere.

Numa cidade de turismo, a indústria alimentar seria ainda “uma opção”, afirma Edmund Li, lembrando que há empresas históricas no território já bem estabelecidas e “com potencial para expandir o negócio e promover as marcas de Macau”. “Além disso, a indústria alimentar também pode criar sinergias com o sector de turismo e hotelaria, num efeito de complementaridade”, conclui. ▲

18%

Percentagem do território de Macau que está classificado como “não urbanizável”, segundo o Plano Director

ENTREVISTA COM JI XIANZHENG

Fórum de Macau optimista sobre futuro das relações sino-lusófonas

© LEONG SIO PO



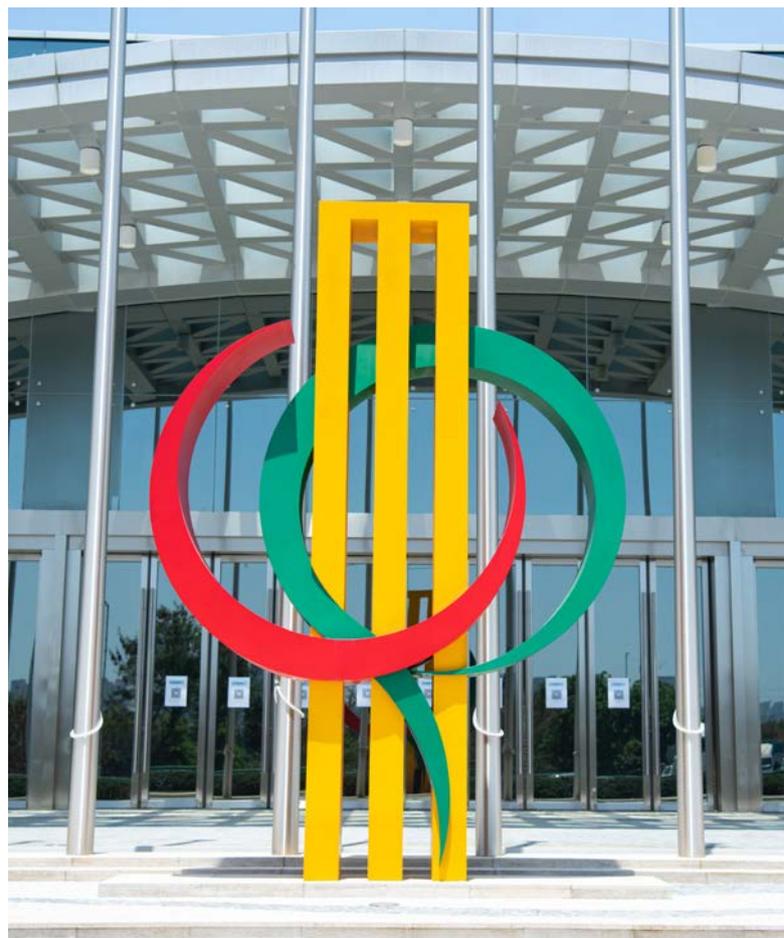
O novo Secretário-Geral do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau), Ji Xianzheng, está confiante no futuro das relações entre os dois lados. Em anos marcados pela pandemia da COVID-19, Ji Xianzheng defende que a saúde e a recuperação económica são as prioridades na agenda de trabalho do organismo

Texto | Viviana Chan

Ji Xianzheng assumiu a liderança do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) no passado dia 10 de Janeiro, a um ano de o organismo celebrar o seu 20.º aniversário. À Revista Macau, o novo Secretário-Geral realça que “o comércio, a cooperação no investimento entre a China e os países de língua portuguesa obtiveram resultados significativos”, indicando que o volume das trocas comerciais entre a China e os países lusófonos atingiu o valor recorde de 200 mil milhões de dólares americanos em 2021.

Apesar das incertezas que marcam a conjuntura actual devido ao impacto da pandemia da COVID-19, Ji Xianzheng admite que o Secretariado Permanente do Fórum de Macau está confiante na capacidade de enfrentar os desafios e ajudar a aprofundar o papel de Macau enquanto plataforma.

“Devido às novas mudanças nas circunstâncias internacionais, a incerteza [sobre o futuro] aumentou. Todas as partes envolvidas na cooperação estão a mostrar cada vez mais vontade de enfrentar os desafios comuns, e o potencial para desenvolvimento ainda é enorme”, sublinha o responsável. “Portanto, a China e os países lusófonos vão aproveitar ao máximo as vantagens únicas da plataforma de Macau



© CHEONG KAM KA

para consolidar a cooperação, promover a recuperação económica pós-pandemia e alcançar objectivos comuns de desenvolvimento”, acrescenta.

Antes de vir para Macau, Ji Xianzheng desempenhou funções na Secção Económica e Comercial da Embaixada da China em Portugal e assumiu sucessivamente, entre 2009 e 2018, o cargo de Conselheiro Económico e Comercial da Embaixada da China em Espanha e o mesmo cargo na Embaixada da China na Venezuela. Com vasta experiência em assuntos externos e comerciais, o secretário-geral garante que o Secretariado Permanente do Fórum de Macau continuará a trabalhar para “construir consenso” e “aproveitar ao máximo o entusiasmo de todas as partes”, de forma a “continuar a inovar nos métodos de trabalho,

expandir as áreas de cooperação” e “atender melhor às necessidades de desenvolvimento de todas as partes” envolvidas no organismo.

Tarefas prioritárias

A crise de saúde pública desencadeada pela COVID-19 teve um grande impacto no desenvolvimento económico e social da China e dos países de língua portuguesa. “Face aos desafios no contexto da pandemia, a atitude correcta passa por reforçar a cooperação e união entre todos os membros e, ao mesmo tempo, defender o multilateralismo, insistir no desenvolvimento sustentável, trabalhar juntos para promover a construção de um futuro comum para a humanidade”, salienta Ji Xianzheng.

200 mil milhões

Valor das trocas comerciais entre a China e os países lusófonos em 2021, em dólares americanos

No que diz respeito às tarefas que são prioridade para o Fórum de Macau, o secretário-geral diz que, por um lado, “é necessário promover vigorosamente a cooperação em resposta à pandemia entre a China e os países lusófonos, especialmente reforçar a cooperação com os países asiáticos e africanos de língua portuguesa, de modo a que esses países tenham acesso à vacina contra a COVID-19”. Por outro lado, acrescenta, “é preciso tomar medidas de forma activa para promover a recuperação económica” em todos os países envolvidos no organismo.

“Todas as partes devem manter a estabilidade da cadeia de logística, promover as trocas comerciais entre o Interior da China, os países de língua portuguesa e Macau, melhorar continuamente o ambiente comercial, reforçar a cooperação industrial e apoiar o desenvolvimento das pequenas e médias empresas”, refere Ji Xianzheng.

O Secretário-Geral sublinha que a China tem participado activamente na luta contra a pandemia. “A China está sempre na linha da frente no que diz respeito à cooperação internacional em resposta à pandemia da COVID-19, insistindo que as vacinas devem ser de acesso público e defendendo a distribuição justa das vacinas.”

“A China foi o primeiro país a comprometer-se com o objectivo de tornar as vacinas contra a COVID-19 um bem público a nível global e a apoiar a isenção de direitos de propriedade intelectual sobre as vacinas, bem como o primeiro a cooperar na produção de vacinas com países em vias de desenvolvimento”, recorda Ji Xianzheng. “O Governo da China também forneceu mais de dois mil milhões de doses de vacinas para mais de 120 países e organizações internacionais.”

Expandir horizontes

Com o objectivo de alargar o trabalho do Fórum de Macau a mais áreas de acção para além do comércio e economia, o dirigente diz que os Planos de Acção para a Cooperação Económica e Comercial assinados em edições anteriores da Conferência Ministerial do Fórum de Macau servem como “directrizes” de trabalho, enfatizando que “as relações económicas e comerciais entre a China e os países de língua portuguesa continuam a ser desenvolvidas de forma contínua, as áreas de cooperação continuam a ser expandidas” e o conteúdo no âmbito da cooperação se tornou “mais abrangente”.

“No primeiro Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial, assinado na primeira Conferência Ministerial, eram sete as áreas abrangidas pela cooperação no âmbito do Fórum de Macau, que foram agora aumentadas para cerca de 20 no último Plano de Acção, assinado na quinta Conferência



© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



A China e os países lusófonos vão aproveitar ao máximo as vantagens de Macau para promover a recuperação económica pós-pandemia

SECRETÁRIO-GERAL JI XIANZHENG

Ministerial”, salienta Ji Xianzheng. Em Abril, foi realizada uma Reunião Extraordinária Ministerial do Fórum de Macau, para delinear os próximos passos do organismo (ler próximo artigo).

De acordo com o responsável, as áreas de trabalho abrangem hoje em dia relações entre governos e entre autoridades provinciais e cidades, investimento, comércio, agricultura, silvicultura, pecuária e pesca, negócios entre empresas, formação de recursos humanos, prospecção de recursos naturais, capacidade de produção, desenvolvimento de infra-estruturas, turismo, transporte e comunicação, cultura e desporto, saúde, ciência marinha, finanças e outros campos tradicionais e emergentes.



O Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa foi o palco principal da Reunião Extraordinária Ministerial

Apesar disso, e no contexto da pandemia, Ji Xianzheng insiste que “todas as partes estão dispostas a focar a cooperação no combate ao vírus e na recuperação económica, bem como no reforço dos intercâmbios culturais”.

Com a intenção de fortalecer o conhecimento mútuo, o Fórum de Macau irá continuar a promover diversas iniciativas culturais. A realização da 14.^a Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa, a ser realizada no território no final deste ano, irá contar com uma série de actividades. “Serão organizadas actividades de promoção da cultura e turismo lusófono em cooperação com as embaixadas dos países de língua portuguesa na China, bem como com o Instituto Cultural de Macau, a Direcção dos Serviços de Turismo de Macau, entre outros departamentos”, conta Ji Xianzheng.

“A Semana Cultural não é apenas um evento que dura uma semana, mas consiste em muitas semanas

que duram até meio ano. Cada evento irá decorrer em simultâneo com workshops de diferentes tópicos para promover a herança cultural de cada país lusófono, actividades que normalmente atraem um grande número de visitantes”, acrescenta.

Novas oportunidades

A criação da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin abre novas oportunidades para Macau enquanto plataforma de cooperação entre a China e a lusofonia, destaca o líder do Secretariado Permanente do Fórum de Macau. “Em Fevereiro, o Secretariado Permanente convidou funcionários da Comissão de Gestão de Hengqin para explicar as políticas em vigor naquela região. Serão organizadas visitas a Hengqin, num futuro próximo, para que os delegados dos países de língua portuguesa no Fórum de Macau conheçam melhor aquele território”, revela.



“ Serão organizadas visitas a Hengqin, num futuro próximo, para que os delegados dos países de língua portuguesa no Fórum de Macau conheçam melhor aquele território

SECRETÁRIO-GERAL JI XIANZHENG

“Ao mesmo tempo, o Secretariado Permanente planeia organizar delegações para visitar as principais cidades da Região da Grande Baía neste ano, com o objectivo de comunicar com governos e empresas locais, assim como para realizar actividades de promoção relevantes”, diz Ji Xianzheng. Se as restrições fronteiriças forem aliviadas, acrescenta, pretende-se também “organizar visitas a outras províncias no Interior da China para promover as oportunidades na Grande Baía e em Hengqin”.

No que diz respeito à coordenação entre o Fórum de Macau e o Governo da Região Administrativa Especial de Macau no desenvolvimento de Macau enquanto plataforma de cooperação entre a China e os países lusófonos, Ji Xianzheng refere que o 14.º Plano Quinquenal Nacional menciona “o apoio a Macau na consolidação e reforço das suas vantagens competitivas e numa melhor integração no desenvolvimento nacional”. E acrescenta: “Macau está a participar activamente na construção da Grande Baía, abrindo um

novo capítulo de cooperação global entre Guangdong e Macau em Hengqin. Macau está a usar as suas vantagens únicas, bem como a expandir o seu papel como plataforma de cooperação comercial entre a China e os países de língua portuguesa”.

Na opinião do dirigente, “a participação no desenvolvimento da Grande Baía e na construção da plataforma sino-lusófona favorece Macau em termos de integração na estratégia nacional de desenvolvimento e no esforço de diversificação da economia de Macau”. Para o universo lusófono, observa, “o desenvolvimento da Grande Baía pode dar novas oportunidades no que toca ao aprofundar das relações comerciais com a China através de Macau”.

Apoios ao investimento

Em relação ao desempenho do Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa, Ji Xianzheng salienta que o Fundo de Cooperação foi uma iniciativa do Banco de Desenvolvimento da China e do Fundo de Desenvolvimento Industrial e Comercial de Macau, sendo administrado pelo Fundo de Desenvolvimento China-África. “O fundo segue os princípios de mercado livre, tem autonomia na decisão de investimentos e assume os seus próprios riscos. Como todos os fundos comerciais, existem rigorosos padrões e requisitos para aprovação de cada projecto de investimento”, realça.

“As dificuldades de financiamento das pequenas e médias empresas são um problema comum. O Secretariado Permanente do Fórum de Macau tem trabalhado continuamente para encontrar recursos para apoiar os projectos e, ao mesmo tempo, passar as informações ao Fundo de Cooperação, para que os projectos concebidos pelas pequenas e médias empresas sejam reconhecidos”, descreve Ji Xianzheng.

Mas o responsável adianta que o Fundo de Cooperação, que conhece melhor o mercado e as necessidades das empresas, “está agora a analisar o pedido” para a criação de mais um fundo dedicado ao financiamento das pequenas e médias empresas. ◀

REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA MINISTERIAL

Fórum de Macau unido contra a pandemia

O combate à pandemia, a recuperação económica e o reforço do investimento foram os grandes compromissos firmados na última Reunião Extraordinária Ministerial do Fórum de Macau

Texto | Tiago Azevedo

MACAUI foi novamente o palco principal, no dia 10 de Abril, da Reunião Extraordinária Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum de Macau), que teve como um dos pontos altos a inauguração do Centro de Intercâmbio da Prevenção Epidémica China-Países de Língua Portuguesa. A iniciativa deixou patente a vontade comum de combater a pandemia da COVID-19 que há mais de dois anos assola a economia mundial. O novo Centro é apenas o ponto de partida.

A cerimónia de descerramento da placa do Centro de Intercâmbio da Prevenção foi presidida pelo Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), Ho Iat Seng, e pelo Director do Gabinete de Ligação do Governo Popular Central na RAEM, Fu Ziying.

A criação deste Centro tem como visão “aproveitar as singularidades de Macau assentes na sua ligação estreita com os países de língua portuguesa para reforçar a cooperação no sector de saúde entre a China e os países de língua portuguesa, através de diversas acções de formação e intercâmbio”, salientou o Gabinete

de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum de Macau num comunicado. O objectivo, acrescentou, é “potenciar em conjunto a capacidade de resposta a epidemias, bem como contribuir de mãos dadas para o empreendimento da saúde pública no mundo e para a construção de uma Comunidade Global de Saúde para Todos”.

Sob o lema “Um Mundo Sem Pandemia – Um Desenvolvimento Comum”, a reunião foi organizada pelo Ministério do Comércio do Governo Popular Central da República Popular da China e realizada pelo Governo da RAEM com a colaboração do Secretariado Permanente do Fórum de Macau, tendo decorrido em formato híbrido online e offline, simultaneamente em Pequim e Macau. O local principal foi o Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

Três propostas de Li Keqiang

O Primeiro-Ministro do Conselho de Estado da China, Li Keqiang, enviou uma mensagem via vídeo para a cerimónia de inauguração. O alto dirigente do Governo



中國－葡語國家經貿合作論壇（澳門）部長級特別會議

Reunião Extraordinária Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau)

攜手抗疫
Mundo sem Pandemia



共謀發展
Um Desenvolvimento Comum



© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O Primeiro-Ministro Li Keqiang enviou uma mensagem via vídeo para a cerimónia de abertura da Reunião Extraordinária Ministerial do Fórum de Macau

Central começou por lembrar que o comércio entre a China e os países de língua portuguesa ultrapassou os 100 mil milhões de dólares americanos durante cinco anos consecutivos e os 200 mil milhões de dólares americanos no ano passado, o que demonstra a resiliência e o potencial da cooperação.

Li Keqiang constatou que se vivem tempos de incerteza e instabilidade a nível mundial e lançou três propostas para o reforço da cooperação sino-lusófona. Em primeiro lugar, afirmou que a China fará mais contribuições para salvaguardar a paz mundial e promover o desenvolvimento mútuo e a

prosperidade de todos os países, incluindo os lusófonos. Li Keqiang assegurou ainda que o Governo Central irá aumentar a cooperação com os países de língua portuguesa para vencer a pandemia o mais cedo possível, através de vacinas, medicamentos e de iniciativas na área da saúde global, das quais o centro de intercâmbio de prevenção de epidemias na RAEM é parte integrante.

Por último, apelou a uma maior abertura e facilitação do comércio e investimento com vista à retoma económica, garantindo que a colaboração sino-lusófona será reforçada. Afirmando que “a China procura



Guiné Equatorial: um novo membro

A REUNIÃO Extraordinária Ministerial ficou marcada pela aprovação da adesão oficial da República da Guiné Equatorial ao Fórum de Macau como o décimo país integrante.

O processo foi iniciado em Outubro de 2020, partindo de uma iniciativa da própria nação africana. A encarregada de negócios da embaixada da Guiné Equatorial na China, Celestina Mangue, discursou na reunião, explicando que, desde que a Guiné Equatorial entrou para a comunidade de países de língua portuguesa, em 2014, que “é natural que faça parte de todos os fóruns de cooperação com presença de países lusófonos”.

Salientando que “é uma enorme honra” ser o décimo país integrante do Fórum de Macau, a mesma responsável apontou que a Guiné Equatorial irá trabalhar para apoiar os restantes países integrantes a recuperar da pandemia. “Face à situação actual [pandemia de COVID-19], acredito que sob o princípio de união e cooperação do Fórum de Macau adoptaremos conjuntamente novas estratégias económicas e comerciais para dar novo vigor ao organismo e atender às expectativas de todos os países integrantes”, afirmou. ▲

sempre uma abertura ao exterior”, o governante salientou que Macau é uma ponte que liga a China aos países de língua portuguesa e que esta cooperação mútua irá avançar a “passos firmes e produzirá frutos”.

Exigida maior dinâmica

Tal como Li Keqiang, os representantes de alto nível dos governos dos países de língua portuguesa foram unânimes relativamente ao papel desempenhado pelo Fórum de Macau e aos resultados até agora obtidos. Os dirigentes lusófonos também proferiram mensagens via vídeo e atribuíram alta expectativa à continuidade do reforço da cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa, nos mais variados sectores, sob o enquadramento do Fórum de Macau.

O Ministro do Comércio da China, Wang Wentao, sublinhou o “papel fulcral” do Fórum de Macau, salientando que o volume de negócios sino-lusófonos aumentou exponencialmente ao longo da existência da instituição, criada em 2003.

Os representantes dos países lusófonos abordaram temas sobre o reforço do intercâmbio na prevenção epidémica e sobre a promoção da recuperação económica. “Todas as partes chegaram a um consenso na intensificação de diálogos nas áreas da cooperação contra a pandemia e da recuperação económica pós-pandémica, de forma a conjugar os esforços para vencer esta luta contra a COVID-19, rumo a ganhos mútuos e prosperidade. Além disso, as partes integrantes desejaram maior dinâmica do papel imprescindível de Macau enquanto plataforma nos domínios variados, incluindo a cooperação sino-lusófona no combate à pandemia”, refere o comunicado.

No final do evento, os Ministros dos países participantes assinaram a Declaração Conjunta da Reunião Extraordinária Ministerial, e emitiram a Declaração sobre a aprovação da adesão oficial da República da Guiné Equatorial ao Fórum de Macau como o décimo país integrante (ver caixa). A Reunião Extraordinária Ministerial contou com mais de 100 participantes. ▲



Papel de Macau é para manter, diz Chefe do Executivo

MACAU irá continuar a potenciar as suas vantagens singulares e a aperfeiçoar e consolidar o seu papel como plataforma sino-lusófona. A garantia foi dada pelo Chefe do Executivo da RAEM, Ho Iat Seng, durante o seu discurso na cerimónia de abertura da Reunião Extraordinária Ministerial do Fórum de Macau.

Ho Iat Seng realçou que o território irá continuar a tirar “pleno proveito das oportunidades de ‘Uma Faixa, Uma Rota’ e da construção da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, a aperfeiçoar e consolidar o seu papel como plataforma de serviços e a acelerar a sua integração no padrão de desenvolvimento de “dupla circulação” da China.

O Chefe do Executivo acredita que a construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin irá “injectar uma nova dinâmica no desenvolvimento de Macau a longo prazo e contribuirá para o enriquecimento do papel de Macau enquanto plataforma sino-lusófona”.

A par disso, afirmou que Macau irá “reforçar o seu papel de ponte e plataforma para promover o intercâmbio e a cooperação entre o Interior da China, Macau e os países de língua portuguesa e auxiliar e impulsionar a construção de uma comunidade com um futuro partilhado para a humanidade, em prol do desenvolvimento e progresso comuns.

O Chefe do Executivo da RAEM apontou ainda que o Fórum de Macau é uma importante plataforma para o estabelecimento de laços de cooperação amigável e mutuamente vantajosa entre a China e os países de língua portuguesa, e é um importante palco onde Macau desempenha o seu papel de ponte entre a China e os países lusófonos, integrando-se na conjuntura do desenvolvimento nacional. Ho Iat Seng elogiou os “resultados encorajadores” da cooperação económica e comercial sino-lusófona ao longo dos anos e acrescentou que esta tem vindo a ser “constantemente aprofundada e desenvolvida”. ▲

A Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau) acredita que apresentar produtos “made in Macau” será uma mais-valia para conquistar novos clientes



INDÚSTRIA

Medicina tradicional 'made in Macau'

A Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau), subsidiária do maior conglomerado de medicina tradicional chinesa do Interior da China, abriu as portas da sua primeira unidade de produção na RAEM em Dezembro do ano passado. A expectativa é que a fábrica possa contribuir para o desenvolvimento do sector no território, apoiando a diversificação económica da cidade

Texto | Viviana Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

O DESENVOLVIMENTO da medicina tradicional chinesa é uma das prioridades do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) no âmbito da promoção da diversificação económica do território. Em Dezembro do ano passado, nasceu na cidade a primeira fábrica de medicina tradicional chinesa a operar em consonância com as normas das Boas Práticas de Produção de medicamentos (GMP, na sigla em inglês), fruto de um investimento da Companhia de Desenvolvimento Internacional Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau), Lda.. À Revista Macau, o director assistente da empresa, Huang Ying, confirma que o objectivo é utilizar a RAEM para promover a inovação, ao mesmo tempo que, acredita, apresentar produtos “made in Macau” será uma mais-valia para conquistar clientes no território, em Hong Kong e noutros mercados no sul da Ásia.

A Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau), filial da Guangzhou Pharmaceutical Holdings Ltd. – o maior fabricante de medicina tradicional chinesa do Interior da China –, foi estabelecida em Macau no início de 2020. Em Dezembro do ano passado, inaugurou aquela que é a maior unidade de produção do

território de medicamentos de medicina tradicional chinesa, podendo actualmente produzir sete tipos de produtos. O projecto possui mais de 2000 metros quadrados e situa-se no Parque Industrial Transfronteiriço da Ilha Verde.

Huang Ying revela que, após vários estudos da empresa e reuniões com as autoridades de Macau e da cidade vizinha de Zhuhai, foram definidas estratégias para promover o desenvolvimento inovador do sector da medicina tradicional chinesa no território e em Hengqin, parte de Zhuhai. Apesar de a unidade de produção da Ilha Verde ter uma menor área de implementação do que outras fábricas do grupo no Interior da China, o responsável sublinha que segue padrões de topo do sector.

Macau, explica Huang Ying, é vista pela Guangzhou Pharmaceutical Holdings como uma nova plataforma no desenvolvimento da medicina tradicional chinesa. A contribuir para tal estão diversas iniciativas do Governo da RAEM, incluindo a introdução de um regime jurídico de registo de medicamentos tradicionais chineses, que entrou em vigor no início deste ano. O responsável nota que as medidas podem beneficiar o território no que toca ao desenvolvimento e registo de produtos

inovadores, visto que esse tipo de processo é mais complexo no Interior da China.

Segunda fase em preparação

Em 2019, a Guangzhou Pharmaceutical Holdings revelou que ia investir, no prazo de três anos, 1,5 mil milhões de renminbi em Macau, o que equivale a quase 1,9 mil milhões de patacas. Até ao momento, já foram gastos 600 milhões de renminbi, maioritariamente aplicados na unidade de produção da Ilha Verde.

Actualmente, está em funcionamento a primeira fase da fábrica, onde podem ser



A fábrica do Parque Industrial Transfronteiriço da Ilha Verde segue padrões de produção de topo

produzidas cápsulas, comprimidos e linimentos. A Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau) está a preparar a segunda fase da unidade, que deverá ter capacidade

para produzir bebidas, xaropes e cremes.

Huang Ying explica que o montante de investimento anunciado inclui fundos para a eventual aquisição de um terreno destinado à construção de uma unidade independente. A actual fábrica situa-se num edifício industrial que é propriedade do Governo da RAEM.

O grupo contratou mão-de-obra local para as operações de comercialização, produção e outras actividades da unidade de produção. Tal inclui seis jovens de Macau, recém-licenciados pela Universidade de Sun Yat-sen e pela Universidade de Jinan, na província de Guangdong. A longo prazo, a empresa espera poder apostar na formação de quadros locais.

“Tendo em conta que foi fundado em Macau o Instituto para a Supervisão e Administração Farmacêutica e a nova legislação na área da medicina tradicional chinesa impulsiona realmente

Apoio de peso

A EMPRESA-MÃE da Companhia de Desenvolvimento Internacional Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau), Lda. – a Guangzhou Pharmaceutical Holdings Ltd. – foi fundada em 1956, gozando de elevado prestígio nacional. Está sediada em Guangzhou, capital da província de Guangdong, e é reconhecida como líder no sector da medicina tradicional chinesa: um dos seus produtos mais famosos é a “Wanglaoji”, uma marca de bebidas à base de ervas medicinais.

O conglomerado tornou-se, em 2021, a primeira empresa com a medicina tradicional chinesa como principal negócio a figurar na Fortune Global 500, lista que reúne as 500 maiores empresas do mundo. No final do ano passado, o grupo possuía mais de 50 mil funcionários. ▲



A fábrica tem actualmente capacidade para produzir sete tipos de produtos

uma maior abertura deste sector, consideramos que o Governo mostra ambição”, diz Huang Ying. “Por isso, esperamos que o desenvolvimento da área da medicina tradicional chinesa possa ganhar um maior dinamismo no futuro.”

O responsável recorda que, no âmbito da diversificação económica do território, Macau

elegeu a medicina tradicional chinesa como uma das prioridades. A empresa-mãe da Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau), a Guangzhou Pharmaceutical Holdings, é líder no sector de medicina tradicional chinesa e, nesse âmbito, apoiar as políticas de Macau é também uma das suas responsabilidades na qualidade

Cronologia

Fevereiro de 2019

O Conselho de Estado divulga as “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, documento que define a medicina tradicional chinesa como um dos objectivos de desenvolvimento da região.

Segundo semestre de 2019

A Guangzhou Pharmaceutical Holdings Ltd. decide investir 1,5 mil milhões de renminbi em Macau para apoiar o desenvolvimento da medicina tradicional chinesa no território.

Janeiro de 2020

É fundada a Companhia de Desenvolvimento Internacional Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau), Lda., subsidiária da Guangzhou Pharmaceutical Holdings e criada em parceria com o grupo estatal chinês Nam Yue (Group) Co Ltd., sediado na província vizinha de Guangdong, e com a True Point Global Ltd., uma empresa local.

Dezembro de 2021

A Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau) inaugura a sua primeira unidade de produção de medicina tradicional chinesa em Macau.

de empresa pública da província de Guangdong, diz o director assistente da subsidiária.

O Chefe do Executivo da RAEM, Ho Iat Seng, como antigo líder industrial, “conhece bem a importância

do desenvolvimento da indústria”, refere Huang Ying. “Macau tem vantagens na investigação científica em relação à medicina tradicional chinesa: a Universidade de Macau e a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau conseguiram montar laboratórios de nível nacional nessa área”, explica. A empresa pretende contribuir para a transformação dos resultados obtidos por esses laboratórios em novos produtos, e também quer cooperar com o Governo da RAEM para concretizar as metas no campo da cooperação aprofundada com Guangdong.

Aposta na internacionalização

O futuro da Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau) passa, no curto prazo, por patentear



A unidade é a maior fábrica em Macau de produção de medicamentos de medicina tradicional chinesa

produtos de medicina tradicional chinesa “made in Macau” e acelerar as exportações para o exterior. Nesse sentido, a empresa assinou em Novembro do ano passado um acordo de cooperação com a Associação Comercial Internacional para os Mercados Lusófonos (ACIML).

O acordo, refere Huang Ying, foi mais um passo na estratégia de promover a medicina tradicional chinesa junto dos países de língua portuguesa. A empresa acredita que poderá encorajar a realização em Macau de mais eventos de divulgação de produtos da medicina tradicional chinesa tendo como alvo

Ligação à academia

A COMPANHIA de Desenvolvimento Internacional Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau), Lda. e a Universidade de Macau montaram, em Dezembro do ano passado, um laboratório conjunto, visando promover a industrialização da medicina tradicional chinesa. A empresa pretende aproveitar os recursos do actual Laboratório de Referência do Estado para Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa da Universidade de Macau e promover o desenvolvimento

de uma medicina tradicional chinesa moderna.

A universidade e a empresa estão já a trabalhar para criar critérios de classificação para ervas medicinais e explorar novos recursos nesta área. Ge Wei, vice-reitor da Universidade de Macau, considera que a cooperação representa uma aliança entre entidades de topo na área da medicina tradicional chinesa, acreditando que o novo laboratório pode tornar-se, no futuro, num motor de crescimento do sector. ▲



A aposta na inovação é uma das metas da Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau)

o mundo lusófono. “Macau desempenha o papel de plataforma comercial entre a China e os países de língua portuguesa. Por isso, é natural promover a medicina tradicional chinesa lá”, diz o responsável.

Huang Ying acrescenta que Macau e Hengqin “realizaram nos últimos anos uma grande quantidade de trabalhos na promoção da medicina tradicional chinesa”. A Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau) “gostaria de aproveitar essa boa base para explorar novos mercados”.

A Guangzhou Pharmaceutical Holdings criou em 2019 uma subsidiária em Hengqin, tendo

estabelecido uma unidade de produção e um armazém para fins logísticos no Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação Guangdong-Macau. Ambos incluem instalações para cadeia de frio, visando produzir produtos de alto valor para exportação. A unidade de Hengqin está focada no mercado internacional, seguindo padrões da União Europeia e outros standards reconhecidos internacionalmente.

Uma das vantagens da internacionalização da medicina tradicional chinesa é que os seus produtos pertencem à categoria

de medicamentos não sujeitos a receita médica. No entanto, alguns ingredientes clássicos incluem metais pesados e outros químicos, o que pode complicar a exportação, nota Huang Ying.

O director assistente da Guangzhou Grupo Farmacêutico (Macau) sugere que a promoção internacional da medicina tradicional chinesa não se deve focar nos produtos, mas antes na cultura subjacente a esta prática. “Segundo diversos estudos, os países com influência do confucionismo possuem níveis de aceitação mais elevados” no que toca à medicina tradicional chinesa, observa. ▲



TRADIÇÃO

Si Heung: uma loja de várias gerações

São 60 anos de actividade, a vender produtos a várias gerações de clientes. Escondida num dos mais antigos bairros de Macau, e entregue à segunda geração da família, a Si Heung continua a vender amendoins e outros petiscos tradicionais, com sabores únicos criados há décadas

Texto | Tony Lai

Fotografia | Cheong Kam Ka

DESDE os armários de vidro já antigos, com uma variedade de petiscos como amendoim, sementes de melão e frutas em conserva, até às grandes prateleiras feitas com técnicas tradicionais chinesas de trabalhar a madeira, sem pregos nem parafusos, passando ainda pelos sinais à mão a descrever os produtos: o tempo parece ter parado na Si Heung, uma pequena loja que desde 1962 se ergue no cruzamento entre a Rua do Infante e a Rua Cinco de Outubro, na zona do Porto Interior.

“Basicamente, nada mudou na decoração da loja”, diz o proprietário, Sam Hoi Ngok, à Revista Macau, enquanto recorda como este estabelecimento nostálgico sobreviveu a várias inundações em anos recentes, causadas por tufões. A loja tem persistido e resistido às tempestades – literal e metafóricamente – nas últimas seis décadas.

‘Tempos dourados’

Situada num dos bairros mais antigos da cidade, numa área menor do que um lugar de estacionamento, a Si Heung oferece hoje cerca de 60 tipos de petiscos tradicionais chineses, incluindo diferentes sabores de amendoim, como pele de peixe, ovas de camarão e wasabi; diferentes tipos de sementes de melão; pistácios; frutas em conserva, como ameixas salgadas e azedas, damasco seco e alcaçuz com limão. Com excepção do amendoim e das sementes de melão, provenientes do Interior da China e processados em Macau, os outros produtos são importados do continente, Hong Kong, Taiwan, Tailândia, Estados Unidos e outros lugares.

Quando a loja abriu, a Si Heung vendia apenas amendoim e sementes de melão. “Foi a época de ouro para o nosso negócio, porque as pessoas tinham uma variedade limitada de petiscos por onde escolher, nos anos 60. As batatas fritas, as bolachas de camarão e



A loja vai continuar aberta todos os dias enquanto o meu corpo me deixar

SAM HOI NGOK
PROPRIETÁRIO DA SI HEUNG

os chocolates ainda não eram populares, por isso os amendoins e as sementes de melão eram as únicas opções disponíveis”, explica Sam.

Desde tenra idade que Sam e os irmãos estiveram envolvidos no negócio da família. A transformação do amendoim e das sementes de melão – incluindo fritar,



A Si Heung continua a ter a preferência tanto de residentes como de visitantes, afirma o proprietário

assar e temperar – era feita pelos adultos, mas os mais jovens tinham de ajudar a empacotar os produtos e a atender os clientes. “Não tínhamos tempo para brincar depois da escola, pois tínhamos que ajudar a família”, diz Sam, de 65 anos.

Mudar com o passar do tempo

Após os seus pais lhe terem passado o negócio em 1976, Sam começou a observar mudanças no mercado local. A Si Heung enfrentou forte concorrência de empresas do Interior da China que começavam a transformar e vender amendoins e sementes de melão por conta própria, seguindo as reformas económicas e a política de abertura do outro lado da fronteira, no final da década de 1970.

Além disso, houve também uma mudança nas preferências dos consumidores. “Ainda me lembro quando um empresário de Hong Kong nos disse, na década de 80, que só poderíamos manter o nosso negócio por mais dez anos antes de irmos à vida”, acrescenta.

Uma previsão que se tornou realidade para muitas lojas semelhantes que até então existiam no mercado local e até em Hong Kong, conta Sam. Muitos desses estabelecimentos, dedicados à transformação e venda de petiscos tradicionais chineses em Macau e Hong Kong, foram fechando portas, mas a Si Heung conseguiu sobreviver e até prosperar. A loja expandiu a sua oferta ao longo dos anos e começou a fornecer petiscos a espaços locais de entretenimento.

“Não tivemos alternativa senão ir ajustando o nosso modelo de negócios com o passar do tempo e a evolução do mercado”, explica Sam.

Um duo ao leme

Mas se o tempo obriga a certas mudanças, há outras coisas que permanecem inalteradas. O negócio é inteiramente gerido por Sam e pela esposa. Às vezes, quando ele precisa de transformar alguns dos produtos numa unidade industrial próxima, a irmã mais velha vem ajudar a cuidar da loja. “Os nossos filhos às vezes

também ajudam, se estivermos muito ocupados, mas a operação diária é basicamente apenas mantida por mim e pela minha esposa”, acrescenta.

Apesar dos poucos recursos humanos, a Si Heung está aberta todos os dias, excepto no primeiro dia do mês. “Antigamente não tínhamos qualquer dia de folga, pois podia haver clientes a fazer encomendas a qualquer momento. Se estivéssemos fechados, perdíamos a encomenda”, explica Sam. “Antes também morávamos nas proximidades da loja, para que pudéssemos tratar rapidamente de quaisquer entregas [de mercadorias

e ingredientes] quando elas chegassem, a qualquer momento”, revela.

Dedicação e empenho que, no entanto, não mudam o facto de o negócio estar em declínio ou, como Sam repetiu várias vezes durante a entrevista, “a chegar ao pôr do sol”. “O tamanho da lista de clientes locais vem diminuindo, pois podem comprar produtos semelhantes em supermercados e outros lugares ou escolher outros produtos. Alguns dos nossos clientes de longa data só voltam para nos visitar uma vez por ano, na véspera do Ano Novo Chinês, para comprar sementes de melão e outros petiscos festivos”, explica.

Novas oportunidades

Apesar da mudança nos hábitos de consumo, os turistas – principalmente de Hong Kong – e os espaços locais de entretenimento têm sido, nos anos mais recentes, a principal fonte de receitas para a Si Heung, embora também estes tenham sido afectados pela pandemia da COVID-19. “2020 foi o pior ano para a Si Heung. Os visitantes estiveram praticamente ausentes durante a maior parte do ano, enquanto muitos espaços locais de entretenimento estiveram fechados”, explica Sam.

No entanto, quando uma porta se fecha, outra se abre, como a Si Heung tem provado repetidas vezes. Nos últimos tempos, as autoridades de Macau têm ajudado pequenas e médias empresas locais e marcas consagradas a realizar campanhas promocionais dirigidas ao mercado do Interior da China através das redes sociais. Um esforço que ajudou a Si Heung a atrair mais clientes chineses, apesar da pandemia, já que a cidade actualmente permite apenas a entrada livre de quarentena a visitantes do Interior da China. Como resultado, a loja teve um aumento no volume de vendas, conta o proprietário.

“A loja vai continuar aberta todos os dias enquanto o meu corpo me deixar”, diz Sam, falando sobre o futuro desta loja típica de Macau. “Mas, honestamente, não quero que os meus filhos continuem um negócio que está em declínio. Eles têm outros empregos e devem fazer algo pelo qual tenham paixão”, sublinha. ◀



Os proprietários mantêm os processos tradicionais antes de dar aos produtos vários sabores exclusivos da Si Heung

EDUCAÇÃO

Sector do ensino em afirmação em Hengqin

A integração regional entre Macau e a vizinha ilha de Hengqin, no município de Zhuhai, deve acelerar nos próximos anos, ao abrigo de diversos programas de cooperação. Para fazer face ao crescimento populacional previsto para Hengqin, está em curso um reforço de diversos serviços básicos, com destaque para a educação

Texto | Viviana Chan

O DESENVOLVIMENTO do sector da educação está a acelerar em Hengqin, para acompanhar o crescimento económico e populacional da ilha. Nos últimos tempos, abriram várias escolas públicas e privadas, incluindo um estabelecimento de ensino ligado à mundialmente famosa Harrow School de Londres. Está também prevista uma escola oferecendo habilitações académicas equivalentes às de Macau, a nascer no Novo Bairro de Macau em Hengqin, projecto que deverá estar concluído até ao final de 2023.

De acordo com a imprensa de Zhuhai, seis novas escolas entraram em funcionamento em Hengqin e

nas zonas envolventes no ano lectivo de 2021/2022, oferecendo um total de 6000 vagas e cobrindo os níveis de ensino infantil, primário e secundário. Segundo dados estatísticos, cerca de uma centena de estudantes de Macau e Hong Kong estão a estudar em estabelecimentos de ensino público em Hengqin.

O crescimento do sector da educação é apoiado por outros serviços públicos. Foram recentemente lançadas novas carreiras de autocarro para facilitar a deslocação dos estudantes entre as zonas habitacionais e as escolas.

Segundo o planeamento das autoridades locais, mais sete estabelecimentos de ensino público vão entrar em funcionamento este ano em Hengqin. No total, devem oferecer até 3540 vagas e contribuir para

responder à elevada procura local por serviços de educação.

O sector da educação na ilha conta já com a presença de instituições de topo do Interior da China. Tal inclui o grupo Capital Normal University de Pequim, através de parcerias ligadas a um jardim de infância e escola primária.

A Escola Internacional de Dulwich (Zhuhai), fundada em 2010, mudou-se do centro de Zhuhai para Hengqin em Outubro de 2021. O estabelecimento de ensino secundário conta com cerca de 800 estudantes e oferece uma educação ao estilo britânico, estando ligado à Huafa Education, uma das unidades da empresa pública Huafa, controlada pelo Governo de Zhuhai.

Entrada sonante

Entre os nomes mais recentes em Hengqin está o grupo Harrow Schools. Na sequência de anúncios do Governo Central relativamente ao planeamento e desenvolvimento geral de Hengqin, o grupo anunciou em 2017 planos para criar uma escola na ilha. A Harrow Innovation



A Harrow Innovation Leadership Academy Zhuhai abriu portas no ano passado

© DIREITOS RESERVADOS

Leadership Academy Zhuhai abriu oficialmente portas no ano passado.

A Harrow School original é uma escola exclusiva localizada na capital britânica, Londres, com mais de quatro séculos de história. Ao longo dos últimos anos, o grupo Harrow Schools abriu diversas filiais na Ásia: a primeira no Interior da China foi inaugurada em 2005 em Pequim, mas a marca já se espalhou por outras cidades, incluindo Xangai, Chongqing ou Nanning.

A Harrow Innovation Leadership Academy Zhuhai oferece um ensino bilingue e uma educação de carácter internacional.

A escola em Hengqin, com capacidade para 1200 estudantes e uma área total de quase 48 mil metros quadrados, fica situada no centro da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin.

Segundo Bella Huang, responsável do departamento de marketing da escola, esta tem actualmente mais de 200 alunos. Quase metade é do Interior da China, enquanto 30 por cento são provenientes de Hong Kong ou Macau. Os restantes têm descendência chinesa, mas possuem passaporte estrangeiro.

As várias escolas não públicas de Macau também estão de olho numa possível expansão para Hengqin. Vong Kuoc Ieng, vice-presidente da Associação de Educação de Macau, revela que as instituições de ensino do território estão “muito interessadas” nesta região de Zhuhai.

Escola com características de Macau

Para já, o ponto de entrada de Macau no sector da educação em Hengqin faz-se pelo Novo Bairro de Macau. O projecto está a cargo

da Macau Renovação Urbana S.A. (MUR), sociedade de capitais públicos da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

Em Setembro do ano passado, a Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura do Governo da RAEM, Ao Ieong U, detalhou que o Novo Bairro de Macau – com cerca de 4000 fracções habitacionais – terá à disposição uma área de 20 mil metros quadrados destinada à

educação. Na sua apresentação, a governante detalhou que o espaço será destinado a uma escola com admissão prioritária para os residentes da RAEM, com zona para actividades ao ar livre e instalações para cerca de 12 turmas do ensino infantil e 18 turmas do ensino primário, num total de 1000 estudantes. O projecto tem já em perspectiva a criação futura de instalações para o ensino secundário.

Ao abrigo do Acordo-Quadro de Cooperação Guangdong-Macau, serão implementadas políticas favoráveis para apoiar as despesas dos alunos de Macau que estudem no Novo Bairro. Além disso, a Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude já incluiu disposições no regulamento do novo fundo da área da educação para apoiar financeiramente as escolas a serem estabelecidas no Novo Bairro.



O Novo Bairro de Macau em Hengqin terá uma escola disponibilizando habilitações académicas equivalentes às da RAEM

Teresa Vong Sou Kuan, docente na Faculdade de Educação da Universidade de Macau, salienta que é importante que as instituições de ensino de Macau em Hengqin mantenham uma identidade própria no que toca à educação. A académica recorda que, no contexto da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, o Governo da RAEM pretende proporcionar

condições para que os residentes de Macau possam optar por viver em Hengqin.

O projecto do Novo Bairro “irá criar uma nova comunidade de Macau em Hengqin”, refere Teresa Vong. “Desse ponto de vista, as instalações sociais à volta dessa comunidade devem focar-se em servir os residentes de Macau, incluindo as instituições educativas.”

A especialista em educação considera que faz sentido que o projecto educativo a nascer no Novo Bairro de Macau tenha “elementos suficientes sobre Macau no

seu currículo”. E explica porquê: “Esta escola deve formar jovens que vão construir Macau no futuro. Por isso, é essencial terem conhecimentos suficientes sobre o território”, diz.

Teresa Vong nota que a escola do Novo Bairro de Macau em Hengqin poderá também servir estudantes de outras áreas da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. “Os estudantes do Interior da China que queiram entrar na escola devem estar à procura de uma filosofia educacional diferente de outras escolas chinesas”, refere.

A futura escola do Novo Bairro de Macau é “muito desejada” pela população da RAEM, diz Vong Kuoc Ieng, da Associação de Educação de Macau. “Hengqin tem muito espaço, muitas zonas verdes. Creio que muitos residentes de Macau querem ir para lá estudar e viver”, acrescenta, sublinhando que nem todas as famílias têm capacidade financeira para colocar os filhos a estudar numa das escolas privadas internacionais existentes em Hengqin.

Vong Kuoc Ieng defende que a futura escola do Novo Bairro de Macau “deve absorver ideias inovadoras, segundo um planeamento científico”. Para o responsável, a iniciativa deve ser desenvolvida como um projecto-piloto, tendo potencial para servir como um exemplo para as instituições de ensino de Macau que ambicionam expandir a sua presença para o resto da Grande Baía. ▲



Vong Kuoc Ieng, vice-presidente da Associação de Educação de Macau, revela que várias instituições de ensino do território estão “muito interessadas” em ter uma presença em Hengqin

ENTREVISTA

Cooperação inédita com Hengqin beneficia Macau

Chui Sai Cheong, vice-presidente da Assembleia Legislativa de Macau e coordenador-adjunto do Comité Nacional da Comissão Económica da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, defende que os jovens têm agora mais possibilidades de prosperar, tirando partido das políticas de desenvolvimento nacional. Em entrevista à Revista Macau, Chui Sai Cheong, recentemente agraciado com a Medalha de Honra Lótus de Ouro, realça que a Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin oferece oportunidades inéditas para a diversificação económica do território

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

Está há vários anos ligado à vida pública de Macau. Como vê o desenvolvimento socioeconómico de Macau nos últimos anos?

Macau é uma microeconomia livre e o desenvolvimento económico da cidade é inevitavelmente influenciado por elementos exteriores. No entanto, com o apoio do Interior da China, o Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) tem tido a capacidade necessária para ultrapassar quaisquer impactos negativos no seu percurso rumo ao desenvolvimento socioeconómico.

O sector do jogo é o principal motor da economia de Macau e, na primeira década após a transferência de administração, foram construídos muitos estabelecimentos

e outras infra-estruturas, naquele que foi um período de construção acelerado; a segunda década constituiu o período de consolidação; e agora entramos numa nova fase de desenvolvimento da cidade.

No passado, como revelado no relatório do Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da RAEM, publicado em 2021, os principais objectivos foram basicamente concretizados, mesmo tendo em consideração a volatilidade da economia face à conjuntura internacional. Entre estes, destaca-se a melhoria das condições de vida da população, o progresso na construção de uma cidade adequada para viver e trabalhar, o aprofundamento da cooperação regional e o aperfeiçoamento do sistema de governação.



A construção do projecto da Grande Baía proporciona uma plataforma para que Macau se integre melhor na estratégia de desenvolvimento nacional

CHUI SAI CHEONG
VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA DE MACAU

Macau criou um excelente cartão de visita enquanto membro da Rede de Cidades Criativas da UNESCO na área da Gastronomia, implementou uma estratégia para o desenvolvimento do sector da educação, estabeleceu o regime de reserva de terrenos, melhorou o regime jurídico de habitação pública e aprofundou a cooperação regional com foco no objectivo estratégico de construção de “Um Centro, Uma Plataforma, Uma Base”.

Além disso, a cidade está também a participar nas estratégias nacionais de desenvolvimento, como, por exemplo, na construção do projecto da Região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e nos trabalhos de estabelecimento da Zona de Cooperação

Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin. Estas metas deverão ser concretizadas na actual fase de desenvolvimento.

Quais devem ser as prioridades para o futuro?

No que toca ao desenvolvimento de Macau, há metas comuns traçadas no 14.º Plano Quinquenal da República Popular da China e no 2.º Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da RAEM (2021-2025). São objectivos estabelecidos, respectivamente, pelo Governo Central e pelo Governo da RAEM.

Estes planos visam melhorar a integração de Macau no quadro geral do desenvolvimento nacional, bem como aprimorar o mecanismo de articulação com



Reforçar o planeamento urbano deve ser uma das prioridades para o futuro, diz Chui Sai Cheong

o Interior da China e apoiar a diversificação da economia de Macau.

Mas há também que envidar esforços noutras áreas, como no que toca a aperfeiçoar o regime jurídico de Macau, melhorar o nível de governança, promover o desenvolvimento do sector da cultura, criar melhores condições de vida para a população e reforçar o planeamento urbano de modo a construir uma cidade com elevados níveis de habitabilidade.

A estrutura da economia de Macau está a mudar, bem como a conjuntura internacional, por isso é necessário que a sociedade local esteja preparada para esta mudança, por forma a conseguir adaptar-se à nova realidade, no que diz respeito ao desenvolvimento, consumo e investimento.

Face a estas mudanças, deve ser dada atenção a todos os estratos da sociedade, para prevenir quaisquer desequilíbrios.

O Governo tem realizado esforços ao longo dos anos para promover a diversificação económica de Macau. Como vê o trabalho que tem sido levado a cabo nesta área?

Após o fim do mandato do Segundo Governo da RAEM [em 2009], começaram a surgir alguns problemas devido à predominância da indústria do jogo na economia de Macau. Por um lado, foi necessário garantir o desenvolvimento da indústria para o bem da estabilidade da economia local, mas foi também preciso trabalhar para diversificar a estrutura económica e garantir a sustentabilidade.



“A cooperação entre Hengqin e Macau é inédita e estão a ser preparados novos regulamentos no que diz respeito à administração desta zona

CHUI SAI CHEONG
VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA DE MACAU

Na verdade, a diversificação da economia é um dos princípios basilares do 2.º Plano Quinquenal da RAEM, que salienta a necessidade de “acelerar o processo da diversificação adequada da economia e fomentar as indústrias emergentes”. São metas para as quais o Governo da RAEM já está a trabalhar de forma empenhada.

A meu ver, esta não é uma tarefa fácil de concretizar. O sector do jogo é preponderante na economia local e é preciso tempo para obter resultados no que diz respeito à diversificação económica – é um trabalho a longo prazo. O Governo tem lançado vários incentivos e tem realizado muito trabalho no sentido de divulgar a importância de desenvolver várias indústrias.

Após vários anos, considero que a estrutura económica de Macau está a mudar de forma gradual. O Governo e todos os sectores devem aproveitar as oportunidades do projecto da Grande Baía e da Zona de Cooperação Aprofundada para reforçar a resiliência e competitividade da cidade e criar condições para um

desenvolvimento sustentável, proporcionando mais opções para os jovens.

Quais as oportunidades que podem surgir com a construção do projecto da Grande Baía?

Creio que este é um passo importante na integração de Macau. Os jovens, ou até as pessoas de meia-idade, têm de alargar os seus horizontes para alcançar os objectivos que pretendem. É necessário que as pessoas de Macau aprendam mais sobre o que existe lá fora, explorem outras áreas de interesse, de forma a trazerem esse conhecimento para Macau, contribuindo para os esforços de diversificação.

Por outro lado, a construção de Macau como “Um Centro, Uma Plataforma, Uma Base” pode ser um elemento que atrai mais investimento, nomeadamente para a região da Grande Baía. Nesse sentido, e para concretizar estes objectivos, devemos trabalhar mais na divulgação, bem como aperfeiçoar as infra-estruturas e a formação de talentos.

Com o apoio das políticas do Governo, a cidade deve atrair mais quadros profissionais e desenvolver algumas indústrias emergentes, como a medicina tradicional chinesa, as indústrias cultural e turística, a indústria de convenções, exposições e comércio, e a indústria das finanças modernas.

Neste contexto, a construção do projecto da Grande Baía proporciona uma plataforma para que Macau se integre melhor na estratégia de desenvolvimento nacional, expandindo a área onde os residentes de Macau podem viver e trabalhar e dando um novo impulso à implementação do princípio “Um País, Dois Sistemas”.

Que ímpeto pode trazer a Zona de Cooperação Aprofundada em Hengqin para o desenvolvimento regional?

A cooperação entre Hengqin e Macau é inédita e estão a ser preparados novos regulamentos no que diz respeito à administração desta zona. Todos estes mecanismos serão novos, não serão apenas uma adaptação do que já existe em Macau ou em Hengqin; por isso, os governos irão elaborar uma proposta apropriada para o desenvolvimento e gestão desta zona.

Penso que a Zona de Cooperação Aprofundada pode ser uma plataforma importante para os residentes de Macau e da região da Grande Baía explorarem estes mercados, com o intuito de construir uma área urbana de elevada qualidade e com boas condições de habitabilidade, adequada para negócios e turismo.

Neste contexto, os jovens de Macau têm, de facto, mais oportunidades para se integrar no desenvolvimento nacional. A promoção do desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada representa um novo impulso à cooperação entre Guangdong e Macau, encorajando o desenvolvimento do projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

Como pode ser aprofundado o papel de Macau enquanto plataforma de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa?

Macau tem vantagens singulares no que toca à ligação com os países de língua portuguesa, nomeadamente em relação à história, cultura e língua. Temos também o apoio da China e de Portugal. Além disso, as pessoas de Macau têm uma personalidade caracterizada pela harmonia. Todos estes factores servem como uma afirmação do papel de Macau enquanto plataforma entre a China e os países lusófonos.

Desde a transferência de administração de Macau, a China tem apoiado o desenvolvimento do território. A estratégia de desenvolvimento como “Uma Plataforma” foi incluída nos 12.º, 13.º e 14.º Planos Quinquenais do país, reconhecendo-se o importante papel que Macau desempenha neste âmbito.

Actualmente, vários produtos dos países de língua portuguesa e do Interior da China são exportados e importados através de Macau. A cidade tem muitos quadros bilingues e Macau está a promover a formação de mais talentos nesta área, visto que, além da Universidade de Macau e da Universidade Politécnica de Macau, outras instituições e universidades locais assinaram já acordos com universidades de Portugal, oferecendo mais oportunidades de intercâmbio aos estudantes de Macau.

Creio que devemos utilizar todas estas vantagens e promover o aprofundamento da colaboração entre

os dois lados, contribuindo para a diversificação económica de Macau.

Que conselhos dá aos mais jovens em relação a estas estratégias de desenvolvimento regional?

A nova geração, principalmente aquela que nasceu após a transferência de administração, está a desfrutar de um período estável em termos de desenvolvimento económico e social; é um ambiente mais confortável. Mas espero que os jovens de Macau sejam capazes de sair desta zona de conforto e visitar as províncias do Interior da China para realizar intercâmbios e aprofundar os seus conhecimentos.

Neste período de desenvolvimento, os jovens devem ter uma melhor noção das suas potencialidades e continuar a reforçar as suas competências. Devem explorar a região da Grande Baía e conhecer melhor o nível de desenvolvimento dos diversos sectores. Devem também compreender os incentivos que estão ao dispor dos residentes



“Macau tem vantagens singulares no que toca à ligação com os países de língua portuguesa, nomeadamente em relação à história, cultura e língua”

CHUI SAI CHEONG
VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA DE MACAU



Chui Sai Cheong foi distinguido com a Medalha de Honra Lótus de Ouro em Fevereiro deste ano

© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

de Macau para lá trabalhar ou estudar, contribuindo para construir uma base sólida para o desenvolvimento.

Além disso, os jovens locais devem ter em consideração o posicionamento de Macau – como uma plataforma internacional – para tirar partido das políticas implementadas a nível nacional, colaborando na concretização do princípio “Um País, Dois Sistemas”.

Ocupa vários cargos públicos e, ao longo dos anos, tem-se empenhado em servir a comunidade local. Foi recentemente agraciado com a Medalha de Honra Lótus de Ouro, em reconhecimento da sua dedicação à vida pública e profissional em Macau. O que representa para si esta distinção?

Claro que me sinto feliz por ser agraciado com esta medalha. É um reconhecimento pelas várias posições que tenho desempenhado na sociedade e nas diferentes

associações a que estou ligado. Esta medalha não me pertence apenas a mim, mas a todas as pessoas que têm trabalhado comigo ao longo dos anos – partilhamos esta honra.

Quando se assume um cargo público, tem que se procurar fazer o melhor possível, por isso vou continuar a trabalhar com a mesma dedicação e a contribuir para a sociedade.

Ao longo dos anos houve várias mudanças, mas o que digo aos jovens é que o compromisso de servir a sociedade deve ser constante quando se assumem cargos públicos, de modo a cumprirem as responsabilidades para com a comunidade e para com as suas famílias. É muito importante assegurar um equilíbrio entre trabalho, família e outros compromissos.

Na minha opinião, nenhum desafio é intransponível, há sempre mais soluções do que obstáculos, e, no final, o mais importante é estar de consciência tranquila. ▀



As marcas chinesas de smartphones têm vindo a registar forte crescimento em Portugal

© DIREITOS RESERVADOS

TECNOLOGIA

Smartphones chineses em expansão em Portugal

As marcas chinesas de smartphones estão a registar forte procura em solo português, tendo terminado 2021 com uma quota de mercado superior a um terço

Texto | Catarina Brites Soares

PREÇOS competitivos e qualidade têm sido a estratégia das marcas chinesas de smartphones para conquistar clientes em Portugal, com Xiaomi,

Oppo e TCL na linha da frente. De acordo com analistas ouvidos pela Revista Macau, o crescimento destas empresas no mercado luso é para continuar nos próximos tempos.

Francisco Jerónimo, vice-presidente para a área de equipamentos da consultora para o mercado

tecnológico IDC, explica que as marcas chinesas com presença em Portugal operam em segmentos de preço distintos e têm estratégias diferentes. Porém, todas crescem a um ritmo bastante acelerado, diz o responsável com a tutela dos mercados da Europa, Médio Oriente e África na IDC.

“A Xiaomi é a que está com mais força”, detalha. “Depois, a TCL, que também está bastante forte, mas num segmento de preços muito mais baixo, e a Oppo, que é um ‘player’ mais recente, mas que tem tido um crescimento muito acentuado”, acrescenta Francisco Jerónimo.

Rui Reis, “key account” da multinacional de estudos de mercado GfK Portugal, refere que as marcas chinesas de smartphones começaram a ganhar predominância em Portugal, numa primeira fase, entre 2016 e 2018, através da tecnológica chinesa Huawei. A actual expansão é liderada pela afirmação de outras marcas chinesas como a Xiaomi, Oppo e TCL. No ano passado, estas três representaram mais de 30 por cento das unidades comercializadas em Portugal, significando um crescimento de 10 pontos percentuais face ao período homólogo, frisa Rui Reis.

Em alta

Nos últimos 12 anos, a Oppo expandiu a sua presença para perto de 50 territórios, releva Inês Lucas, “marketing manager” da marca em Portugal. “Isso é mais de um quarto de todos os países do planeta. Na Europa, a nossa missão continua a ser a de entregar produtos que atendam às necessidades. Tem sido assim desde que entrámos no mercado europeu em 2018 e o mesmo se verificou para Portugal, onde estamos desde 2020.”

Um ano depois, e de acordo com um relatório da consultora Canyls citado pela Oppo, a empresa chinesa conquistou uma fatia de 9 por cento do mercado português de smartphones. O objectivo é atingir uma quota de dois dígitos até ao final de 2022. Para o conseguir, a marca quer centrar-se no segmento médio-alto e apostar no crescimento do negócio da “Internet das coisas” (IoT, na sigla em inglês).

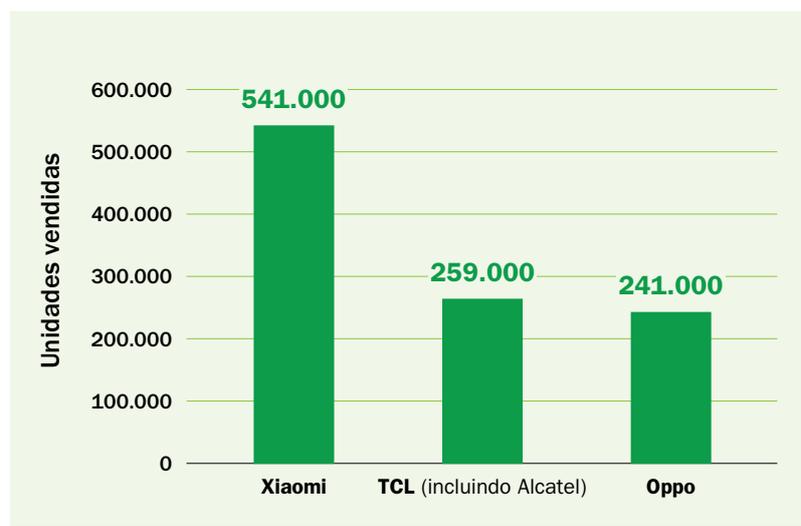
Já a TCL aponta como principal ambição insistir no que diz ser o seu mote: democratizar o acesso à tecnologia. A marca lançou recentemente a nova gama de smartphones TCL 30, com “recursos avançados, a preços acessíveis”, afirma a “country manager” da empresa em Portugal, Patrícia Dias.

A responsável recorda que a TCL está presente no mercado

português de telemóveis há cerca de 25 anos, inicialmente através da marca Alcatel, que adquiriu em 2005. “Continuará a ser um mercado aliciante tendo em conta o potencial e a relação histórica que construímos”, diz Patrícia Dias.

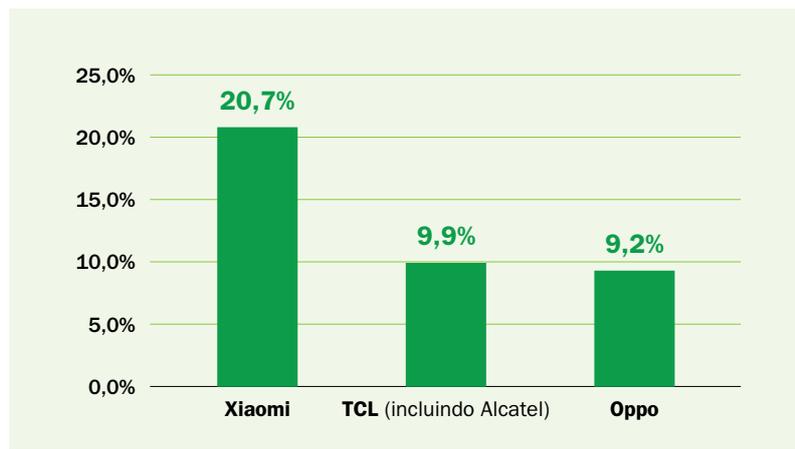
Rui Reis, da GfK Portugal, refere que a Xiaomi, Oppo e TCL têm conseguido impôr-se em Portugal graças à presença junto de influenciadores digitais de tecnologia, além da criação de equipas dedicadas ao mercado luso e da abertura de lojas monomarca. Em 2021, a Xiaomi abriu dez espaços comerciais em solo luso. “Além de conseguir uma maior proximidade com o consumidor, permite-lhe apresentar outros produtos a par dos telemóveis, como os de electrónica, ‘smart-home’ e pequenos electrodomésticos”, contextualiza Rui Reis.

Vendas de smartphones de marcas chinesas em Portugal em 2021



FONTE: CONSULTORA IDC

Quota de mercado de marcas chinesas de smartphones em Portugal em 2021



FONTE: CONSULTORA IDC

A Xiaomi fechou 2021 com 20 espaços comerciais em Portugal: 17 lojas e três quiosques inteligentes. De acordo com declarações à imprensa de representantes da empresa, o objectivo é consolidar a marca como a segunda mais popular entre os portugueses.

O consultor Francisco Jerónimo afirma que a Xiaomi tem procurado estabelecer-se em várias categorias de mercado, sempre com o mesmo princípio: bons produtos, com um design interessante e a um preço baixo. “E isso atrai qualquer consumidor”, diz. Dados da IDC mostram que as vendas de smartphones da Xiaomi mais que triplicaram em termos anuais no último trimestre do ano passado.

Já a TCL, continua Francisco Jerónimo, está a desenvolver um portefólio baseado em produtos a preços muito competitivos, ainda mais baixos do que os praticados pela Xiaomi.

A Oppo, por sua vez, tem produtos de gama alta, média e baixa. “Estão percebidos no mercado como credíveis e sólidos para trabalhar no longo prazo. Prova disso é que entraram há pouco tempo e a quota de mercado continua a duplicar trimestre após trimestre”, realça Francisco Jerónimo.

Perspectivas positivas

Inês Lucas, da Oppo, afirma que o enfoque passa por melhorar os produtos da marca. “Haverá muito empenho no desenvolvimento da gama média-alta”, realça. “Ao mesmo tempo, pretendemos aumentar em 20 por cento as vendas totais”, diz, acrescentando que os dados de mercado sustentam a ambição, visto que o valor médio por unidade gasto pelos portugueses na compra de um smartphone continua a aumentar.

Na calha da Oppo estão outras investidas com vista a popularizar a marca em Portugal, refere Inês Lucas. “Queremos estar mais próximos dos consumidores e é por isso que vamos ser patrocinadores oficiais da próxima edição do Rock in Rio Lisboa”, um dos principais festivais de música em Portugal, a ter lugar em Junho.

Patrícia Dias diz que o objectivo da TCL é tornar-se numa marca de referência entre os portugueses. “Sendo um dos maiores fabricantes





No final de 2021, a Xiaomi tinha 20 espaços comerciais em Portugal

mundiais de electrónica de consumo, temos como estratégia o crescimento das várias áreas já introduzidas em Portugal e do restante ecossistema da empresa que se encontra disponível noutros mercados”, reforça.

Rui Reis salienta que eventuais preconceitos negativos em relação às marcas chinesas de smartphones desapareceram. Estas são vistas atualmente como garantias de produtos de qualidade, de inovação e

de preços acessíveis, diz. “Portanto, as perspectivas são, claramente, de crescimento.”

Resta saber se, entre a Xiami, Oppo e TCL, alguma chegará à liderança do mercado português. “Provavelmente, a Xiaomi”, prevê Francisco Jerónimo, da IDC, referindo-se ao número de unidades vendidas, mas sublinhando que outras marcas a operar em segmentos de mercado mais elevados podem beneficiar de melhores margens de lucro.

Já a Oppo deverá continuar a crescer, enquanto a TCL poderá ficar numa posição de liderança no segmento baixo do mercado, acrescenta Francisco Jerónimo, contextualizando que essa parece ser a estratégia e posicionamento da empresa.

“A Xiaomi e a Oppo têm apostado muito no sul da Europa, por serem mercados onde a sensibilidade ao preço é maior. Consumidores e empresas preferem telefones mais baratos, mas com qualidade”, conclui. ▲

CABO-VERDIANOS EM MACAU

MACAU NA ROTA DA “MORABEZA”

São médicos, advogados, pilotos e engenheiros, mas o predicado que melhor os define é o de bons embaixadores de Cabo Verde em Macau e de Macau em Cabo Verde. Num país onde as pessoas são o maior recurso, a presidente da Associação de Amizade Macau-Cabo Verde, Ada Sousa, diz que os profissionais cabo-verdianos que se formaram nas universidades de Macau são o exemplo perfeito de uma cooperação que dá frutos

Texto | Marco Carvalho

“A PARTE comercial, a parte económica não vive sem a componente cultural.” Com uma ressonância lapidar, Ada Sousa sintetiza o posicionamento que a Associação de Amizade Macau-Cabo Verde adoptou ao longo das duas últimas décadas. Fundada a 9 de Abril de 1999, a organização quer continuar a ser um parceiro de excelência das instituições de Macau e ajudar não só a promover o intercâmbio cultural entre o território e o pequeno arquipélago atlântico, mas também a fomentar vínculos económicos e empresariais mais fortes.

O desígnio do incentivo das relações económicas, lembra a presidente

da Associação de Amizade Macau-Cabo Verde, faz, de resto, parte do ADN da organização. A associação, salienta a dirigente, tem como principal missão dar apoio a uma comunidade dinâmica e bem integrada, mas também promover o melhor que o berço da “morabeza” tem para oferecer.

“Em relação aos nossos estatutos, temos a parte da promoção cultural. Temos ainda a parte do apoio à comunidade e aos próprios estudantes, mas temos também a questão da promoção de actividades de intercâmbio cultural, empresarial e económico”, explica Ada Sousa. “[A associação] vai continuar a colaborar com as instituições no sentido de uma melhor promoção, até porque nós temos todo o interesse em levar investidores para Cabo Verde e ajudar



© ANTONIO SAMARILL

ao desenvolvimento do país. É por isso que cá existimos e é por isso que cá estamos”, esclarece a responsável, jurista de profissão.

Para levar avante os seus objectivos estatutários, a Associação de Amizade Macau-Cabo Verde conta com o contributo de uma comunidade perfeitamente assimilada, com os pés bem vincados no território. São cerca de 100 os cabo-verdianos que têm a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) como casa, mas há também uma população volante de alunos em universidades do território que estudam direito, gestão de jogo ou mesmo medicina.

“Os cabo-verdianos em Macau são, basicamente, profissionais liberais. Há desde médicos a advogados. Há engenheiros e pilotos”, elenca Ada Sousa. “Depois, temos também uma parte da

comunidade que é constituída por estudantes que são bolseiros da Fundação Macau e estudam na Universidade de Macau, na Universidade Politécnica de Macau e na Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau. Temos uma estudante que veio para estudar medicina. É a primeira vez que isso acontece”, assinala a dirigente.

Ao longo das duas últimas décadas, a associação recebeu e ajudou a integrar largas dezenas de jovens que completaram a sua formação académica em Macau. Os estudantes retribuem com o envolvimento nos trabalhos associativos e o esforço, reconhece Ada Sousa, insufla uma nova dinâmica na comunidade. “Antes do início da pandemia tínhamos cerca de 80 estudantes. Esse grupo tem contribuído bastante, tem ajudado, tem colaborado. Eu tenho de

Cabo Verde vive dos recursos humanos. E, nesse aspecto, a cooperação China-Cabo Verde e Macau-Cabo Verde tem ajudado bastante

ADA SOUSA
PRESIDENTE
DA ASSOCIAÇÃO
DE AMIZADE
MACAU-CABO VERDE

tirar o chapéu aos nossos estudantes. Aos que estão aqui e aos que estão em Cabo Verde. Apesar de estarem em Cabo Verde, continuam a colaborar com a associação”, salienta a dirigente.

A importância da formação

“Cabo Verde vive dos recursos humanos. Não temos petróleo. Não temos grandes recursos minerais. Nós temos pessoas. E, nesse aspecto, a cooperação China-Cabo Verde e Macau-Cabo Verde tem ajudado bastante. Os primeiros estudantes cabo-verdianos chegaram na década de 90, para a área de direito. Metade deles regressou a Cabo Verde, outra parte ficou aqui em Macau. Agora são profissionais integrados na sociedade e têm ajudado bastante à imagem de que Cabo Verde goza na RAEM”, realça.

Para a presidente da Associação de Amizade Macau-Cabo Verde, o intercâmbio estudantil e o apoio concedido pela RAEM à formação de quadros qualificados são os aspectos mais relevantes da cooperação entre Cabo Verde e Macau. Esta relação é evidente em Cabo Verde em vários domínios, como a política, a justiça ou mesmo o incipiente sector do jogo, um domínio que adquiriu uma nova projecção depois de uma empresa de Macau ter anunciado um multimilionário investimento na construção de um empreendimento turístico na cidade da Praia, capital de Cabo Verde.

“Quando as autoridades cabo-verdianas abriram as portas a esse investimento, fizeram questão de criar um grupo de bolseiros estudantes. Esses estudantes formaram-se cá e já regressaram a Cabo Verde. É importante que



Os estudantes cabo-verdianos participam activamente nos trabalhos associativos

esse investimento avance, para receber e empregar estes estudantes, de forma a possibilitar o desenvolvimento do sector. Eles vieram a Macau e Macau, neste aspecto, tem inegavelmente know-how para dar”, sustenta Ada Souza.

O contributo que Macau pode dar ao desenvolvimento de Cabo Verde pode fazer toda a diferença, argumenta. Basta, para isso, que a comunidade cabo-verdiana radicada no território e as vastas dezenas de profissionais que se formaram nas universidades da RAEM coloquem a bom uso os conhecimentos aqui adquiridos: “[É fundamental] levar o know-how que aprendem aqui (...) A maior parte da comunidade que está cá, o que aprende aqui, está a investir lá. É muito importante servir de ponte, arranjar os interlocutores ideais, os parceiros certos e tentar investir o que se aprendeu aqui. É uma outra forma de olhar para o investimento”, refere Ada Souza. ◀



◀ VER VÍDEO AQUI



Leia esta e outras edições
no website da **Revista Macau**



www.revistamacau.com.mo

App da Revista Macau disponível em:



Nota: Utilizadores já existentes das apps da Revista Macau devem descarregar a versão mais recente para ter acesso a todos os conteúdos.



A Orquestra Sinfónica Jovem de Macau foi fundada em 1997



ORQUESTRA SINFÓNICA JOVEM

Aumentar o volume

Com um quarto de século de existência, a Orquestra Sinfónica Jovem de Macau tem contribuído para o ensino da música e para a difusão da cultura local no exterior. O presidente da associação aponta que a orquestra ganhou reputação no palco internacional, e antigos membros destacam a importância do projecto para a cena musical em Macau e a formação de jovens talentos

Texto | Salomé Fernandes

S ão nove da manhã de um domingo e no exterior do Centro Cultural de Macau sente-se o burburinho crescente de vozes de jovens que esperam pelo ensaio que antecede o concerto desse dia. Chegam ao palco, uns de sapatilhas, outros já com sapatos formais, depois de passarem pelas medidas de segurança impostas pelo controlo epidémico. Começam a afinar os instrumentos, com os diferentes sons a unirem-se gradualmente num tom comum. Quando o ensaio começa, o espaço é preenchido pela Sinfonia n.º 8 de Schubert.

O olhar dos músicos divide-se entre as partituras nas estantes de frente de si e os gestos do maestro que os orientam entre diferentes intensidades. No interior do grande auditório são os compassos, e não os minutos, a marcar o passar do tempo. Quem segura a batuta é Michael Tou, a dirigir a orquestra júnior da Orquestra Sinfónica Jovem de Macau (OSJM). Começou a ensinar violino na OSJM depois da sua graduação, até que lhe foi dada a oportunidade de dirigir uma orquestra completa. “Aprendo tanto ao ensinar. (...) É muito interessante para mim”, diz.



O meu sonho é que todas as escolas, sejam secundárias ou primárias, tenham uma orquestra escolar

JIMSON HOI
PRESIDENTE
DA ASSOCIAÇÃO
ORQUESTRA SINFÓNICA
JOVEM DE MACAU

© GREGG KIM IKA

Enquanto jovem, teve aulas na OSJM, onde tocou durante pelo menos 10 anos. Michael Tou destacou a qualidade dos professores, alguns dos quais vinham de Hong Kong para Macau semanalmente. “Transmitem conhecimentos de classe mundial”, observou.

Relativamente aos jovens com quem sobe ao palco, aponta que todos têm talento. Mas destaca dois factores com impacto no seu desenvolvimento: terem alguém que os inspire e ouvirem várias versões da mesma peça. Este último conselho é algo a que ele próprio recorre. “Quando se sabe o que é boa qualidade de som, começa-se a mudar a forma de tocar, e, para mim, de ensinar”, explicou.

O projecto que leva estes jovens ao palco já soma 25 anos. A

OSJM foi fundada em 1997, e ao quarto de século de existência somam-se milhares de quilómetros percorridos em concertos realizados pelo mundo, com destinos como a Tasmânia, Viena ou Banguecoque. As actuações não passaram despercebidas a quem é da área. “A orquestra ganhou alguma reputação no palco mundial das orquestras jovens”, disse à Revista Macau Jimson Hoi, presidente da Associação Orquestra Sinfónica Jovem de Macau.

Para Jimson Hoi, a OSJM contribuiu para a difusão da cultura de Macau no exterior, para que se conheça o que há por cá em termos musicais. A capacidade dos jovens da orquestra de executar sinfonias de compositores como Beethoven é

apontada como um motivo de orgulho colectivo. “Isto é algo para estarmos orgulhosos de nós próprios, e penso que também para estarmos orgulhosos das pessoas de Macau”, indicou.

De acordo com o presidente da associação, foram já mais de 80 os alunos que passaram pela orquestra e são agora músicos profissionais, tornando-se na primeira geração de músicos locais. Mas há ambições que não precisam de cruzar fronteiras para se concretizarem. “O meu sonho é que todas as escolas, sejam secundárias ou primárias, tenham uma orquestra escolar”, disse Jimson Hoi. Por enquanto, aponta que apenas a Pui Ching Middle School e a Sacred Heart Canossian College

têm orquestras a realizar concertos públicos anuais.

Foi com aulas de cordas nestas instituições, em 1995, que o projecto começou a ganhar forma. Dois anos depois, fundou-se a Associação da OSJM.

Memórias sonoras

Uma das estudantes que passou pela orquestra e veio a tornar-se música profissional é Siu Tin Chi, apesar de o seu primeiro contacto com a música não ter sido com a OSJM. Começou a aprender piano quando tinha cerca de sete ou oito anos e mais tarde, no ensino secundário, abraçou o desafio de aprender clarinete e entrar para a banda da escola. Era motivada pela paixão pela música e a vontade de estar envolvida em diversas actividades musicais ao seu redor.

Siu Tin Chi juntou-se aos sopros da OSJM com o clarinete

quando tinha cerca de 16 anos e recorda esse tempo com apreço. “A jornada de tocar na OSJM foi curta, mas produtiva. Deu-me algumas das experiências mais preciosas como música de orquestra e também bonitas amizades. Tive ali o meu primeiro contacto com a disciplina e atitude enquanto música profissional”, recordou em entrevista à Revista Macau.

Na memória ficaram os ensaios, os espectáculos no Centro Cultural de Macau – que à época eram relativamente novos – e a dedicação dos restantes músicos. Com isso presente, a pianista e compositora considera que o contributo da OSJM para a cena musical em Macau é “absolutamente essencial”.

“A OSJM deu uma formação forte e exposição internacional aos músicos de Macau ainda muito jovens, com os quais eu considero

que muitos países não se conseguem sequer comparar”, apontou. “Dá uma formação musical sólida aos nossos futuros músicos locais e torna Macau numa cidade cultural”, acrescenta.

Siu Tin Chi está envolvida maioritariamente em quatro projectos, incluindo o CHI Quartet, uma banda que toca as suas próprias composições, e olha para a música como uma linguagem universal. “Aposto que toda a gente já experienciou momentos em que mesmo ao falarem a mesma língua não se compreendem. Para mim, a nossa língua falada é apenas uma das ferramentas para nos expressarmos de uma forma prática, é muito limitada. Num nível de comunicação ou expressão emocional mais profundo, precisamos de poesia, pintura, escultura, peças de teatro, dança, cinema, música... etc.”, observou.

“ A OSJM deu uma formação forte e exposição internacional aos músicos de Macau ainda muito jovens

SIU TIN CHI
PIANISTA E
COMPOSITORA





© DIREITOS RESERVADOS

Também Lio Kuokman – antigo membro da OSJM e director de programa do Festival Internacional de Música de Macau – reconhece o papel da orquestra na formação de jovens locais. “É extremamente importante e diria que educou muitos estudantes. Alguns deles continuaram como músicos porque experienciaram a Orquestra Jovem, que lhes deu a hipótese de aprender música e tocarem juntos, aproveitarem o palco em conjunto”, notou.

Questionado sobre o crescimento da área da música junto dos jovens, o maestro considera que está a melhorar cada vez mais. “Basta ver quantas pessoas estão a aprender instrumentos musicais ou que levam caixas de instrumentos na rua, em Macau.” Mas Lio Kuokman afasta o foco da profissionalização, não retirando valor a quem escolhe enveredar por outras áreas e destacando antes o valor do

contacto com a música. “O que é importante é gostarem de música, perceberem música, dar-lhes uma oportunidade de aprenderem e a conhecerem. Isso é educação musical”, destacou.

Liu Kuokman, que é também maestro residente da Hong Kong Philharmonic Orchestra, foi um dos primeiros membros da OSJM e recorda-se vividamente de quando se juntou ao projecto, que considerou um “início muito importante” da sua jornada musical.

Rendeu-se rapidamente à ideia de integrar a orquestra jovem, dado que já estudava piano e tinha interesse em partilhar música com outras pessoas, em palco. Explica que foi “basicamente a primeira pessoa a aderir”, primeiro enquanto estudante de trombone e, mais tarde, no violino.

Apesar de ter começado a sua carreira no piano, tinha o sonho

“
Alguns
estudantes
continuaram
como músicos
porque
experienciaram
a Orquestra
Jovem

LIO KUOKMAN
ANTIGO MEMBRO
DA OSJM E MAESTRO
RESIDENTE DA HONG
KONG PHILHARMONIC
ORCHESTRA

de se tornar maestro. Uma ambição que veio a cumprir – o primeiro concerto enquanto maestro foi precisamente da OSJM. Enquanto estudava piano na Hong Kong Academy of Performing Arts, voluntariou-se para acompanhar os seus amigos de outros instrumentos em recitais. Um esforço que o levou a conhecer melhor outros repertórios.

Liu Kuokman recorda-se de como a OSJM o abordou, sabendo do seu contacto com vários concertos, desafiando-o para dirigir um espectáculo com os amigos com quem cresceu. Foi o seu primeiro concerto oficial com audiência e uma orquestra. “Naquele momento, já tinha tocado no Centro Cultural de Macau bastantes vezes, maioritariamente como pianista, mas foi a minha primeira vez no



A orquestra tem sido importante na formação musical dos jovens músicos locais

© DIREITOS RESERVADOS

palco a dirigir e tive uma experiência óptima, óptimas memórias.”

Superar desafios

A música enfrenta dificuldades em contexto de pandemia, mas encontra formas de persistir. Desde 2020 que a orquestra não realiza espectáculos no exterior, mas as memórias mantêm-se a cores. “O momento mais entusiasmante foi irmos ao Musikverein. Recordo-me que quando recebemos o convite de Viena estava surpreendido, e incrédulo”, partilhou Jimson Hoi.

Outro momento de destaque foi a tour pela Europa realizada em 2010. “Em Praga, actuámos com 20 músicos de orquestras filarmónicas desta cidade. Estava fora das nossas expectativas podermos actuar em

conjunto com músicos profissionais na Europa”, descreveu. Jimson Hoi estabelece uma relação entre a qualidade que permitiu à orquestra subir ao palco em salas de espectáculo internacionais e a experiência dos professores que vêm de Hong Kong.

Além das restrições fronteiriças, a pandemia levou a outras condicionantes, mas Jimson Hoi defende que a cultura deve continuar

80+

Alunos que passaram pela Orquestra Sinfónica Jovem de Macau e são agora músicos profissionais

a florescer. “A cultura é a alma da cidade, a alma das pessoas. Não se pode garantir que todas as famílias tenham uma vida segura e estável, mas pode-se apoiar a cultura para trazer alegria e paz à comunidade”, argumenta.

O presidente da associação encoraja a população a aproveitar a oportunidade de aprender música, ensaiar e assistir a concertos. “Não sabem o que acontece amanhã”, reflecte. Se a pandemia acarretou desafios, também trouxe um elemento de união. “A pandemia trouxe a toda a gente [o entendimento de] que temos de estimar tudo o que temos agora”, disse o presidente da associação. Um factor que considera ter influência positiva na música e na promoção de actividades culturais. ▽

OBRA DE ANTÓNIO DA AMADA IZIDRO

Poesia que encurta distâncias

“Li Bai – A Via do Imortal” combina a biografia e obra deste poeta chinês, numa publicação que visa aproximar o mundo sino-lusófono

Texto | Tiago Azevedo

Fotografia | Cheong Kam Ka

A PUBLICAÇÃO de obras chinesas traduzidas para português pode assumir um papel importante para fomentar o interesse pela poesia chinesa. Quem o defende é António da Amada Izidro, autor de Macau, que publicou recentemente “Li Bai – A Via do Imortal”, uma obra que desvenda a vida do poeta chinês e disponibiliza em língua portuguesa alguns dos seus poemas.

O livro foi lançado em Março no âmbito da segunda edição da Semana da Cultura Chinesa, promovida pelo jornal Hoje Macau. A obra sobre o famoso poeta da



dinastia Tang inclui também notas que contextualizam os poemas e oferecem referências históricas e mitológicas.

Em entrevista à Revista Macau, António Izidro diz acreditar que o acesso à poesia chinesa traduzida em língua portuguesa é ainda limitado, ao contrário do que acontece em sentido oposto.

“A China está muito bem apetrechada de quadros bilingues de quase todos os idiomas mais falados no mundo”, começa por explicar. Se os leitores chineses têm facilidade na leitura de obras não chinesas, incluindo de autores portugueses, já os leitores portugueses têm pouca oferta de literatura chinesa, segundo o autor e tradutor.

“Não conheço a formação profissional e não profissional neste campo em Portugal e nos países de língua portuguesa, pelo que a questão se coloca não apenas no interesse, mas também no conhecimento que leitores portugueses possam ter da língua chinesa que lhes permita aceder directamente à leitura da poesia

chinesa. Não sendo este o caso, julgo que a oferta editorial de obras traduzidas em língua portuguesa pode assumir um papel relevante no fomento do gosto e do interesse pela poesia chinesa”, afirma.

A obra que faltava

Fascinado pela poesia chinesa, António Izidro embarcou neste projecto precisamente porque sentiu uma falta de oferta deste tipo de literatura no mercado. A missão deste intérprete-tradutor com vasta experiência no domínio das línguas chinesa e portuguesa foi “apresentar um trabalho que permitisse beirar o mais possível a candura dos versos de Li Bai e desenterrar os aspectos mais relevantes da vida do poeta”.

A preparação do livro incluiu, numa primeira fase, uma pesquisa histórica e cultural no terreno e recolha de informação, e, posteriormente, uma “tradução literal palavra a palavra, expressão a expressão”.

“Em terceiro lugar, reescrevo tudo de modo a fazer sentido em português, sem que perca com isso o seu sentido original. Finalmente, procuro sentir o que terá sentido o poeta e volto a reescrever”, explica.

António Izidro salienta que a tradução do chinês clássico apresenta diversos desafios. “O livro procura estabelecer a paridade das ideias, sentimentos, emoções e de tantos outros estados de espírito do poeta com o fazer sentido na língua portuguesa, e apresentar uma tradução onde o realismo pudesse

“ A oferta editorial de obras traduzidas em língua portuguesa pode assumir um papel relevante no fomento do gosto e do interesse pela poesia chinesa

**ANTÓNIO DA
AMADA IZIDRO**
ESCRITOR DE MACAU

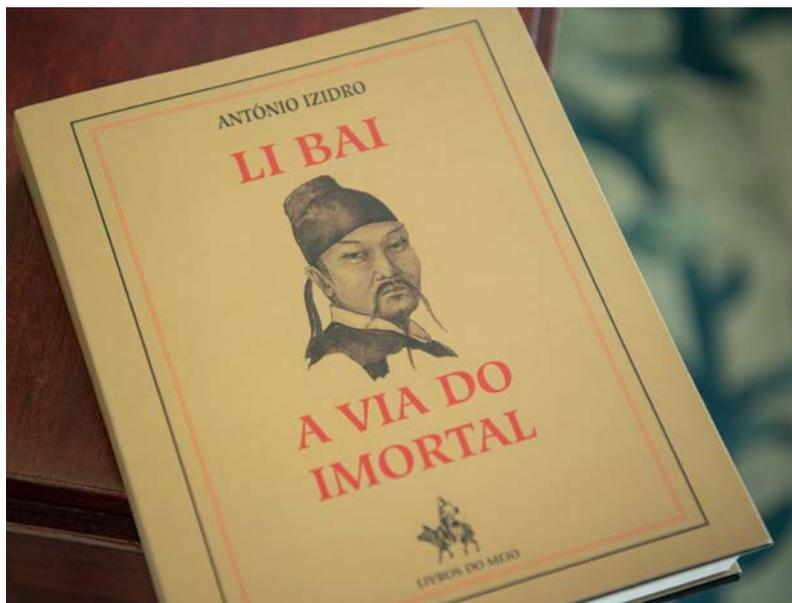


Um desafio em forma de rolo

HABITUADO a traduzir informações oficiais, António Izidro, antigo tradutor do Gabinete de Comunicação Social de Macau, deparou-se um dia com um novo desafio: traduzir um poema chinês. E, desde então, a paixão nunca mais o deixou.

“O interesse [pela poesia chinesa] nasceu no dia remoto em que, indicado para traduzir o [então] Presidente da República [de Portugal], Mário Soares, fui colhido por uma situação embaraçosa. Tinha de traduzir um rolo vertical caligrafado com um poema chinês oferecido a sua excelência por um dirigente da comunidade chinesa local, a meio do banquete. Instantaneidade em tradução de versos era para mim algo inédito. Foi preciso muita serenidade e alguma imaginação para sair dessa” situação, relembra.

António Izidro desempenhou ainda a função de Chefe do Departamento de Informação no Gabinete de Comunicação Social, tendo se reformado em 2002. ▲



“Li Bai - A Via do Imortal” disponibiliza em língua portuguesa alguns dos trabalhos do poeta chinês

perfiar ao lado da estética, sem defraudar o autor”, refere.

Tratamento virtual

Só o processo de tradução do material seleccionado demorou cerca de um ano. O autor acredita que a contextualização que acompanha os poemas é essencial ao leitor para que este compreenda os cenários vividos pelo poeta – “um tratamento virtual que se dá à leitura poética”, como afirma.

“É preciso contextualizar, não só em termos históricos, geográficos, mas também as circunstâncias, os sentimentos, as ideias que os poemas versam. Afinal, o que levava o autor a escrever? Eram o sonho pessoal, as peregrinações nas montanhas, as amizades, os infortúnios, os lugares históricos, as guerras fratricidas, a saudade, a melancolia, a beleza da natureza... e a lista não

pára. O livro tenta ‘ressuscitar’ aquilo que foram episódios distintos e ambientados, inseridos na vida do poeta Li Bai”, explica.

António Izidro justifica a escolha do poeta com o facto de ele ser, no seu entender, o mais facetado dos compositores chineses da sua geração.

“Deixou composições de temas tão abrangentes que não se encontram noutros poetas: misticismo, erotismo, espiritualidade, poemas melíferos, ácidos, sentimentais, românticos, idílicos, tudo pincelado com a mesma originalidade e riqueza de estilo. O filme pessoal que Li Bai tinha pensado apresentar à história, contracenando figuras heróicas do passado, ruiu na estratégia, no idealismo que lhe parecia verosímil e no não aderir aos esquemas corruptos que grassavam na corte Tang, no curto tempo em que lá permaneceu”, conclui. ▲

15 | 04 - 19 | 06 | 2022

文化局成立
四十周年
ANIVERSÁRIO DO
INSTITUTO CULTURAL

2000
2022

粵港澳
當代水墨
藝術譜系

小 臆象

WILD IMAGINATION

**Contemporary Ink Art in
Guangdong-Hong Kong-Macao
from 2000 to 2022**

文化局
INSTITUTO CULTURAL

Truly Enjoy
GuangDong
魅力广东

澳門藝術博物館
MUSEU DE ARTE DE MACAU

广东美术馆
GUANGDONG MUSEUM OF ART

藝博館
MAM

Macao Museum of Art Av. Xian Xing Hai, Macao. Opening Hours: 10am – 7pm (last entry at 6:30pm).

Closed on Mondays and open on public holidays. Free admission.

Tel : (853) 8791 9814 Fax : (853) 2875 1317 Website : www.MAM.gov.mo E-mail : MAM@icm.gov.mo

澳門文化局 IC 澳門藝術博物館 Macao Museum of Art



EXPOSIÇÃO

As várias facetas de Tam Chi Sang

O Museu de Arte de Macau celebra as contribuições de Tam Chi Sang para o desenvolvimento cultural da cidade através de uma exposição de retratos e bustos criados pelo artista

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

ASSINALAM-SE em Outubro 15 anos sobre a morte de Tam Chi Sang, um dos artistas pioneiros, nos círculos chineses de Macau, na utilização de técnicas de pintura ocidental. Antecipando a efeméride, o Museu de Arte de Macau (MAM) tem patente, até 29 de Maio, uma exposição de retratos e bustos criados por Tam, sendo esta a primeira mostra individual dedicada ao artista a ter lugar naquele espaço.

“As suas obras mais famosas são pinturas de aguarela”, explica à Revista Macau a curadora da exposição, Loi Weng I. “Muitas pessoas não sabem que também pintou retratos.”

A exposição do MAM surge quase cinco anos após a última mostra dedicada ao artista: uma retrospectiva da obra de Tam Chi Sang organizada pela Fundação Macau em Setembro de 2017, no Centro UNESCO de Macau.

Além de artista em nome próprio, Tam foi igualmente um importante divulgador das artes. A mostra organizada pelo MAM, que apresenta um total de 13 obras, inclui peças doadas ao museu por antigos alunos



Loi Weng I, curadora da exposição



A exposição “Retratos e Bustos por Tam Chi Sang doados ao Museu de Arte de Macau” está patente até dia 29 de Maio

de Tam Chi Sang, alguns dos quais agora nomes de relevo no panorama artístico local, como Chou Cheong Hong ou Chio Wai Fu.

A exposição está integrada numa iniciativa mais ampla do MAM de valorização da arte produzida no território. Tal passa pela recolha, colecção, compilação, investigação e exposição da obra de artistas que marcaram o panorama artístico de Macau ao longo das últimas gerações.

Aprendizagem autodidacta

Apesar de possuir formação artística em pintura chinesa, Tam Chi Sang destacou-se no campo da pintura de

estilo ocidental. De acordo com a curadora Loi Weng I, a aprendizagem foi feita de forma autodidacta.

“O seu método era apenas o de prática extensiva”, explica. “Tam Chi Sang dava grande importância ao esboço e utilizava como referência grandes artistas ocidentais.”

Loi Weng I diz que há uma influência óbvia nos retratos pintados por Tam Chi Sang. “Podemos ver que os seus auto-retratos eram baseados nas obras do artista neerlandês Rembrandt, nomeadamente na utilização de luz, sombra e cor, e no estilo das pinceladas.”

A curadora afirma que os trabalhos em exposição permitem descobrir um lado diferente de Tam. “Através das obras exibidas, os visitantes podem compreender



Auto-retrato de Tam Chi Sang

como é que o artista se via a si próprio, aos seus familiares, amigos e às grandes figuras da época”, diz Loi Weng I.

De acordo com os materiais promocionais da exposição, Tam Chi Sang “criava auto-retratos de forma persistente”, espelhando a sua visão de forma pormenorizada e fazendo uso das suas capacidades artísticas “sofisticadas”. A mostra inclui auto-retratos em forma de esboço, pintura e escultura, criados entre as décadas de 1970 e 1990.

Já os retratos em exposição apresentam pessoas do círculo íntimo do artista, incluindo a sua esposa, amigos e estudantes. Estes trabalhos destacam os “esboços sólidos e capacidade de captar expressões e maneirismos” de Tam Chi Sang, refere o museu.

O talento do artista para captar a essência do ser humano através do retrato não beneficiou apenas os meios artísticos de Macau. Foi também útil à polícia local, já que Tam chegou a colaborar com as autoridades na elaboração de retratos de suspeitos, desenhados com base em descrições orais providenciadas por testemunhas.

A qualidade dos seus traços está também plasmada em retratos a óleo de algumas das sumidades de Macau do século XX. Uma dessas pinturas, recolhida pelo MAM, é um retrato “extraordinariamente expressivo”, segundo o museu, do abastado homem de negócios Sir Robert Ho Tung. ◀

Quem foi Tam Chi Sang?

TAM Chi Sang nasceu em 1920 em Yunfu, na província de Guangdong. Estudou pintura chinesa com Li Xiaoshan, artista baseado em Zhaoqing, tendo completado os seus estudos artísticos na Escola Normal Avançada de Zhaoqing.

A mudança para Macau dá-se em 1949 e rapidamente Tam Chi Sang se torna numa das principais figuras dos círculos artísticos locais. Entre as suas obras, destacam-se as aguarelas e pinturas a óleo de estilo ocidental, bem como as pinturas de estilo chinês e esculturas. Além de Macau, participou em exposições em Hong Kong, Guangzhou, Pequim, Canadá, Portugal e Japão, entre outros lugares.

Tam Chi Sang desempenhou um importante papel no associativismo artístico. Foi um dos primeiros dirigentes da então Associação de Estudos de Artes de Macau (actualmente Associação dos Artistas de Belas-Artes de Macau), tendo também sido consultor de vários grupos artísticos em Hong Kong e Macau.

Há ainda uma outra faceta de Tam Chi Sang: a de educador. O artista dirigiu diversos cursos de arte, além de ter leccionado em estúdios privados.

Os seus contributos para a cultura local foram fruto de distinção a nível governamental. Tam foi galardoado com a Medalha de Mérito Cultural por duas vezes, em 1993 e 2002. Viria a falecer em 2007. ▶

e Macau: a

construção de um novo lar

DESENVOLVIMENTO NACIONAL

Geral de Construção
Cooperação
Guangdong



...de
trabalho
alicerce
bate-estaca
este ano. A
construção
seguida da esta
então os aparta
mobilados. A aten
rar-se para as estrat
verdes do Novo Bairro
"Sempre que possi
fabricados (ver caixa), não
para poupar tempo de constru
mas também para reduzir a pegada
ambiental do projecto, sublinha a
MUR.

O Novo Bairro em Hengqin
terá 27 torres residenciais, com
alturas a variar entre os 19 e 26
andares. No interior, estarão mais
de 4000 apartamentos, sendo que
80 por cento terão dois quartos e
uma área a rondar 90 metros qua
drados. As restantes unidades terão
três quartos e áreas entre 100 e 120
metros quadrados.

Siga-nos
nas nossas
redes sociais:
Facebook,
Instagram
e Twitter.



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER



App da Revista Macau disponível em:



Macau 澳門

www.revistamacau.com.mo



REGATAS INTERNACIONAIS

O espírito do dragão

Texto | Marco Carvalho

É dos eventos mais populares do calendário desportivo de Macau, mas a sua dimensão ultrapassa em muito a mera envolvente desportiva. As Regatas Internacionais de Barcos-Dragão vão voltar a concentrar no final do mês e no início de Junho dezenas de equipas e centenas de entusiastas no Centro Náutico da Praia Grande. À sombra da história, embalados pelo rufar dos tambores, os barcos-dragão elevam o conceito de espírito de equipa a todo um novo patamar. A Revista Macau foi perceber porquê

DUAS braçadas de força, outras tantas de companheirismo, uma mão cheia de resiliência, uma pitada de disciplina, outra de perseverança. A receita não é uma fórmula mágica e não garante inequivocamente o sucesso de remo na mão, mas sem estes – e outros atributos – é pouco provável que qualquer equipa faça boa figura nas regatas de barcos-dragão.

A modalidade – que combina esforço, ritmo e tradição – ganhou inesperada popularidade um pouco por todo o mundo desde o final da década de 1970. Em Macau, as primeiras regatas organizadas foram promovidas em 1979 e tornaram-se, desde então, um dos mais populares certames do calendário desportivo do território, ao ponto de transformarem a paisagem sonora da orla ribeirinha da cidade nos meses que antecedem o tiro de partida para a competição. O rufar

incessante dos tambores ombreia, às primeiras horas da manhã e ao final da tarde, com o canto dos pássaros primaveris, investindo as águas da antiga baía da Praia Grande de uma efémera centralidade. A zona, que acolhe desde há quase duas décadas o Centro Náutico de Nam Van, vai engalanar-se a 29 de Maio e a 3 de Junho para receber a edição de 2022 das Regatas Internacionais de Barcos-Dragão, uma competição para a qual dezenas de tripulações locais treinam – por vezes durante meses a fio – com indisfarçável afincamento e sacrifício.

Muito suor, algumas lágrimas

Em termos formais, as únicas condições exigidas aos participantes para entrarem nas regatas são um atestado médico e “a adaptação ao meio aquático”, com o Instituto do

Desporto e a Associação de Barcos de Dragão de Macau – China a fazerem depender a participação na prova da capacidade dos atletas para “nadar uma distância mínima de 100 metros”. A chave para um desempenho bem-sucedido na competição está, porém, menos na capacidade física de cada um do que na apetência para trabalhar em equipa.

O veredicto é de Sandra Bártolo, remadora macaense que capitaneou a selecção feminina de Barcos-Dragão de Macau que disputou a 7.ª edição dos Campeonatos do Mundo da modalidade, em Berlim, na Alemanha, em Agosto de 2005. Antiga praticante de ciclismo e de triatlo, Sandra Bártolo garante que das três modalidades os barcos-dragão são, de longe, a mais exigente. “Os barcos-dragão estão a um nível muito mais elevado. É muito mais difícil porque é uma modalidade mais competitiva e é uma competição que exige um grande espírito de equipa”, assegura. “No caso do ciclismo, o desempenho depende de nós. Na natação e no triatlo também. Nos barcos-dragão não. Tu podes treinar aquilo que quiseres, mas o barco não é uma pessoa. Se não houver espírito de equipa, não vamos a lado nenhum”, reitera a antiga atleta.

Manuela Chan subscreve

na íntegra a análise de Sandra Bártolo, mas à capacidade para trabalhar em equipa acrescenta ainda uma indispensável predisposição para o sacrifício. Directora de marketing de uma empresa de organização de eventos desportivos, Manuela Chan integrou pela primeira vez a tripulação de uma equipa de barcos-dragão há 22 anos e, mais do que um desporto, encontrou um desafio e uma

filosofia de vida. “As regatas de barcos-dragão não são, para mim, apenas um desporto. Mais do que uma modalidade, é uma cultura. Uma pessoa, um indivíduo não consegue ser bem-sucedido nesta competição. A única forma de ser bem-sucedido é trabalhando em equipa. Há muita gente envolvida, muitas ideias, muitas perspectivas. O maior desafio é o de conseguir fazer com que todas estas pessoas

partilhem as mesmas perspectivas e um mesmo objectivo. É a única forma de garantir um desempenho bem-sucedido”, assinala a atleta.

“São necessários muitos sacrifícios. É necessário sacrificar o tempo que dedicamos à família, é necessário conseguir estabelecer uma relação equilibrada com o trabalho e uma partição mais racional do nosso tempo. O sucesso vai depender, em grande medida,



As Regatas Internacionais de Barcos-Dragão decorrem a 29 de Maio e a 3 de Junho

da forma como cada um encara os barcos-dragão”, complementa.

Abraçar o dragão

Para Manuela Chan, o nível de compromisso para com a modalidade atingiu há pouco mais de três anos um patamar inédito. Para além de praticante, a atleta é também presidente da Assembleia Geral da Associação dos Entusiastas dos

Barcos-Dragão de Macau, organismo que ajudou a fundar e que tem como principal propósito promover “a cultura dos barcos-dragão” dentro e fora das fronteiras da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

Entre os grandes objectivos da associação, refere Lewis Lok, estão ainda a popularização da modalidade e o desenvolvimento de uma estratégia sistemática de preparação dos atletas e das equipas que disputam as regatas. Para isso, explica o presidente da Associação dos Entusiastas dos Barcos-Dragão de Macau, os responsáveis pelo projecto propõem-se arregimentar as escolas de Macau e reforçar as estratégias de divulgação do potencial da modalidade junto das gerações mais novas. “O nosso principal objectivo é o de desenvolver, promover e popularizar a cultura dos barcos-dragão. Por outro lado, queremos organizar e encorajar os residentes de Macau, em particular os estudantes, a treinar e a disputar as competições. Em certa medida, queremos transmitir valores como a combatividade e a responsabilidade, ao mesmo tempo que promovemos a cooperação e o espírito de equipa”, salienta o dirigente.

“Gizamos um plano a longo prazo. Contactamos diferentes escolas no sentido de as exortar a trabalhar connosco para promover os barcos-dragão. Aquilo que pedimos a esses estabelecimentos é que escolham dez ou doze estudantes e os convençam a criar uma equipa que possa



Os barcos-dragão estão a um nível muito mais elevado. Se não houver espírito de equipa, não vamos a lado nenhum

SANDRA BÁRTOLO
REMADORA QUE
CAPITANEOU A
SELECÇÃO FEMININA
DE BARCOS-DRAGÃO
DE MACAU

representar a sua escola. O resto é connosco”, assegura Lewis Lok.

A modalidade, sustentam os dirigentes da Associação dos Entusiastas dos Barcos-Dragão de Macau, é uma boa forma de cultivar valores como a coesão, a partilha e o espírito de equipa. O desígnio parece explicar a grande popularidade de que as Regatas Internacionais gozam junto das principais empresas do território,



mas também no seio da própria administração pública. A competição reúne desde há vários anos uma mistura eclética de tripulações em representação de associações, de concessionárias de jogo, de universidades, departamentos governamentais e instituições bancárias.

Armando Vaz, que representa uma equipa de um banco local, diz que o grupo é inteiramente amador e detalha a exigência da prova. “A forma como se arranca é um aspecto crítico, mas manter o ritmo ao longo do minuto seguinte é igualmente fundamental. São menos de dois minutos de prova, mas são dois minutos extremamente intensos. É preciso dar-se tudo o que se tem, em termos de força, de concentração, de coordenação e de resistência”, explica.

O funcionário bancário estreou-se nas lides dos barcos-dragão em Maio de 1996, antes ainda de se radicar em Macau. A primeira impressão foi tão forte que a participação nas Regatas Internacionais se tornou um ritual anual desde então. “Os barcos-dragão são um bom exemplo de ‘team building’”. Há duas décadas, quando comecei a participar, acho que todos participávamos apenas pela festa e pela oportunidade de estarmos num ambiente bonito, a fazer uma coisa divertida. Gradualmente as provas tornaram-se muito mais competitivas, aperfeiçoou-se a técnica, reduziram-se os tempos, mas a camaradagem e o espírito de equipa permanecem os mesmos”,

salienta. “Iniciam-se os treinos com desconhecidos e acabam-se as provas com um grupo de amigos, festejando juntos num ‘yum cha’”, acrescenta Armando Vaz.

O sopro do coração

Com uma envolvente cultural que não encontra par em qualquer outra modalidade desportiva, as regatas de barcos-dragão combinam – com surpreendente harmonia – ritmo e esforço, história e modernidade. Na tradição confuciana, o dragão representa a força, a virtude e a honestidade e o festival do Tung Ng – que homenageia a memória do poeta Qu Yuan, mas também assinala o solstício de Verão – é visto como uma comemoração da vida, celebrada com o ritmo do tambor a marcar o compasso.

“O tambor é a alma da experiência a bordo dos barcos-dragão”, esclarece Manuela Chan. “Da primeira estocada até ao final, é imperativo que todos os remadores prestem atenção ao tambor. É a alma, é o coração do dragão. A forma como o tamborileiro toca o tambor vai determinar a forma como a tripulação rema, uma estocada é recompensada com uma remadela por parte da equipa”, ilustra.

Se o tambor é o metrónomo que dita o ritmo a que as embarcações galgam as águas, à tripulação dos barcos, sustenta Sandra Bártolo, é exigido que responda como uma orquestra em plena sintonia. Para a antiga capitã da selecção feminina



As regatas de barcos-dragão não são, para mim, apenas um desporto. Mais do que uma modalidade, é uma cultura

MANUELA CHAN
PRESIDENTE DA
ASSEMBLEIA GERAL
DA ASSOCIAÇÃO DOS
ENTUSIASTAS DOS
BARCOS-DRAGÃO
DE MACAU

de Barcos-Dragão de Macau, tanto o tamborileiro como o homem do leme têm um papel essencial na estratégia da equipa, mas o verdadeiro artífice dos bons resultados é o treinador.

“O treinador tem que conhecer cada um dos elementos que integram a equipa. E são 28 nas lides das grandes embarcações. São 28,



Dedicação, sacrifício e espírito de equipa são elementos essenciais para o sucesso na modalidade

© CHEONG KAM KA

contando com o homem do leme, o tamborileiro e os atletas suplentes. O treinador tem de perceber o que cada um desses atletas consegue dar e perceber que lugares devem ocupar na embarcação”, elucida Sandra Bártolo. “Com 20 lugares num barco, cada um tem o seu papel. Os primeiros dão o ritmo. O tamborileiro tem que olhar para os primeiros remadores. Os últimos,

mesmo que não tenham ritmo, têm que ter força. São eles o motor do barco”, explica.

Exigente e complexa, mas ao mesmo tempo aliciante e arrebatadora, a modalidade viu o seu valor patrimonial reconhecido pelas autoridades da RAEM. O Instituto Cultural invocou o importante papel que as Regatas de Barcos-Dragão desempenham “na

consolidação dos laços culturais da comunidade chinesa local” para justificar a sua inclusão na lista do Património Cultural Intangível de Macau. Em 2009, a UNESCO já tinha classificado o Festival de Tung Ng como Património Cultural Imaterial da Humanidade, tornando-se no primeiro festival tradicional da China investido do estatuto de património mundial. ◀



O Centro de Bowling, no Cotai, é um dos locais onde decorrem regularmente competições

© CHEONG KAM KA

MODALIDADE

Squash de ambição elevada

Com mais de século e meio de história a nível internacional, o squash só chegou a Macau nos anos 1980. A forte aposta na formação por parte da associação local que tutela a modalidade tem vindo a dar frutos e o objectivo passa agora pelo reconhecimento além-portas dos atletas do território

Texto | Cherry Chan

MACAU prepara-se para acolher mais uma edição do principal campeonato local de squash. Em cerca de 40 anos, a modalidade atingiu um desenvolvimento assinalável e os dirigentes associativos olham agora para a formação de talentos de nível internacional.

O Centro de Bowling, no Cotai, e o Complexo Desportivo da Universidade de Macau, em Hengqin, recebem entre 9 e 15 de Maio o “2022 Macau Squash Championship”, prova-rainha do calendário doméstico da

modalidade, organizada pela Associação de Squash de Macau. Frente a frente vão estar os melhores atletas do território em diversas categorias.

O squash é já um desporto de grande popularidade localmente. A modalidade aponta agora para o sucesso fora de portas: a próxima oportunidade é em Setembro, durante os Jogos Asiáticos de 2022, que vão decorrer em Hangzhou, no Interior da China.

Uma das esperanças do território para a competição é Liu Kwai Chi. Após participar nas edições de 2014 e 2018, espera poder obter um bom resultado em Hangzhou. “Provavelmente este é

o meu último ano como atleta”, diz. “Depois disso, quero ser treinadora. Espero poder contribuir para o desenvolvimento deste desporto.”

Liu Kwai Chi, natural de Hong Kong, iniciou-se na modalidade aos dez anos e, inicialmente, encarava-a de forma lúdica. “Continuei o desporto nos meus anos em Hong Kong, até que vim para Macau para o ensino superior. Fui chamada para a selecção de Macau e acabei por ter muitas oportunidades de participar em competições”, recorda. Depois de completar a sua licenciatura, ingressou nos quadros da Associação de Squash como membro da equipa administrativa, conciliando as obrigações profissionais com os treinos.



O squash é já um desporto de grande popularidade em Macau

Outro valor da modalidade é Wu Ka Chon, que começou a jogar squash aos 14 anos. “Conheci este desporto através das ‘Actividades de Férias’”, organizadas anualmente pela Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude e pelo Instituto do Desporto, refere o agora estudante universitário. A popularidade do squash em Macau, diz, continua a avançar, com “mais pessoas a jogar”. Porém, admite, a maioria encara a modalidade como um passatempo.

Rápida evolução

Dados históricos compilados pela Associação de Squash referem que o desporto chegou a Macau no início dos anos 1980. A associação foi criada em 1987, com o objectivo de promover a formação de novas gerações de jogadores, explica Armando Amante, secretário-geral da organização.

No próprio ano da fundação, a associação é aceite como membro da Federação Asiática de Squash. A partir de 1989, atletas locais começam a participar em provas no exterior – isto apesar de os primeiros campos de squash oficiais de carácter público em Macau só terem sido criados em 1995, no Centro Desportivo da Vitória.

O ano de 1997 marca um ponto de viragem no desenvolvimento da modalidade no território, com a organização da edição inaugural do Torneio Aberto de Squash de Macau, a primeira grande

© ASSOCIAÇÃO DE SQUASH DE MACAU



O crescimento da modalidade tem passado pela formação de novos talentos

competição internacional a ter a cidade como palco. “Permitiu que jogadores de Macau comessem a ter contacto com atletas do exterior”, diz Armando Amante.

A competição, entretanto, cresceu e é já uma das principais provas desportivas do calendário desportivo anual local. A utilização de salas de squash em vidro, colocadas em pontos icónicos da cidade – prática que aconteceu pela primeira vez em 2000 – tem contribuído para a popularidade do evento junto do público.

Novos modelos

Durante as primeiras décadas, o nível do squash praticado em

Macau foi-se desenvolvendo de forma casuística, assente na paixão dos jogadores pelo desporto. “Não existia qualquer prática de treino sistémico”, faltando recursos para avançar para um modelo mais consolidado, refere Armando Amante, que foi atleta a tempo inteiro por um ano, após concluir os estudos universitários em 2008 – enveredou, depois, pela carreira de dirigente associativo e treinador, mas continua a jogar.

A mudança de paradigma deu-se em 2013, com a chegada do treinador malaio Lim Chee Ming, que introduziu uma nova dinâmica à área da formação. “Apresentámos planos de três



Os jovens, o futuro

A formação é considerada chave para o desenvolvimento do squash em Macau, referem os dirigentes associativos. Chiang Ieng Long e Yeung Wai Leng são exemplo disso: jovens que, com o apoio da Associação de Squash de Macau, já dão cartas na modalidade a nível local.

Chiang Ieng Long pratica squash há cerca de sete anos, tendo começado na modalidade por influência do pai, que queria que o filho se dedicasse à prática desportiva. Agora, o finalista do ensino secundário diz ter como objectivo tornar-se atleta a tempo inteiro, após completar os estudos universitários. Para tal, conta com o apoio da família, afirma.

Já Yeung Wai Leng entrou pela primeira vez num campo de squash aos cinco anos. “No início, não gostava”, recorda. “Jogava apenas com a minha irmã.”

Passaram-se 12 anos e a raquete tornou-se uma companheira. Yeung Wai Leng será uma das representantes de Macau nos Jogos Asiáticos de 2022, em Hangzhou, no Interior da China.

A jovem, que planeia realizar os estudos universitários no exterior, diz que quer continuar a praticar squash. No entanto, admite que a carreira desportiva é relativamente curta e que é necessário conciliá-la com outras opções para o futuro.

anos, cinco anos e dez anos, com a esperança de ajudar os nossos atletas a atingirem melhores classificações a nível internacional”, recorda Armando Amante.

“Sou especializado em desenvolver este desporto do nada”, diz Lim Chee Ming, com quase duas décadas de experiência enquanto treinador. “Na Malásia, treinei um grupo de atletas da base até chegarem a um nível mundial. Por isso, acreditava que conseguia atingir algo similar em Macau.”

Lim Chee Ming admite que o início não foi fácil. A maioria dos atletas do território não estava preparada para sessões de treino

intensivo e rigoroso, de forma sistemática. Além disso, para formar desportistas de topo, “é preciso proporcionar apoio em todos os aspectos”, salienta.

Os resultados do trabalho da Associação de Squash fazem-se sentir em várias frentes. Entre as iniciativas que têm vindo a contribuir para o crescimento da modalidade está a criação, em 2016, da Escola de Squash Juvenil de Macau. O projecto, fruto de uma parceria com o Instituto do Desporto, visa formar novos atletas e encorajar os jovens para a prática desportiva.

A isso soma-se a abertura de novos campos de squash em

infra-estruturas desportivas públicas. Entre os mais recentes está um conjunto de cinco salas da modalidade disponibilizadas no Centro Desportivo Mong-Há. Ainda assim, face ao crescimento, a necessidade de espaços adicionais, particularmente para acções de treino, continua a ser uma preocupação de desportistas e dirigentes.

O processo de formação de atletas de topo não é fácil, admite Armando Amante. No entanto, os resultados já obtidos pela associação abrem perspectivas positivas, diz, sendo um sinal de que o squash em Macau se está a desenvolver no sentido certo. ◀

a minha cidade

O MEU BAIRRO, A MINHA RUA,

© LEONG SIU PO



AS MINHAS GENTES



O sentimento de pertença e a vida em comunidade são algumas das melhores memórias que **Anabela Ritchie** guarda de Macau. Os anos passaram, as experiências multiplicaram-se, mas algumas referências mantêm-se incontornáveis

Texto | Marco Carvalho

A COMPANHOU o processo de criação do Instituto Português do Oriente (IPOR), do qual foi a primeira presidente, mas foi o seu papel como líder do principal órgão legislativo de Macau que lhe franqueou um inequívoco lugar na história. Anabela Ritchie privou com chefes de Estado e de governo, sentou-se à mesa de presidentes e de governadores, mas a Macau que mais lhe fala ao coração furta-se às relações de poder. A lista é longa e abre, irrefutavelmente, uma varanda para o passado. Aquilo de que sente falta? De um certo sentido de comunidade que se dissipou perante o crescimento galopante da cidade. ▽

a minha cidade



© DIREITOS RESERVADOS

A rua dos primeiros passos

OS JOELHOS esfolados, uma pétala de sangue abrasada à flor da pele, as tardes intermináveis. Entalada entre edifícios residenciais, exígua e sombria, a rua dos primeiros dias é hoje uma rua de transição, liga o Largo do Lilau à Capitania dos Portos e à descida que desagua, um pouco mais além, no Largo do Pagode da Barra. Mas, para Anabela Ritchie, a Rua da Barra é também o cordão umbilical que a conduz aos anos dourados da infância.

“Eu sou da Barra e os meus grandes amigos são desse tempo. Como havia pouquíssimos carros, nós crescíamos na rua”, lembra. “Crescíamos na rua e é na rua, com gentes de diversas comunidades, que eu aprendo valores de amizade, camaradagem, convívio, pertença”, assinala.

Viveu até aos 17 anos na casa de dois pisos que o avô possuía na Rua da Barra e foi lá – e no Largo do Lilau, ali a dois passos – que os primeiros valores lhe foram inculcados. “A nossa primeira aprendizagem dos princípios e valores era feita na família, claro, e depois na rua”, reitera. “O Lilau era o sítio onde, por excelência, nós brincávamos. Mesmo sem carros, a rua não é muito larga e tem a sua estreiteza. O Largo do Lilau é uma coisa enorme. Sem carros era o paraíso.”



© INSTITUTO PARA OS ASSUNTOS MUNICIPAIS

Pertença desde o berço

AS MATERNIDADES também se abatem. Aquela em que Anabela Ritchie nasceu não desapareceu por completo, mas subsiste há muito tempo num tipo muito concreto de limbos.

“Um sítio que me diz muito em Macau é o edifício onde está o Consulado de Portugal. Era o antigo Hospital de São Rafael. Foi lá que eu nasci. Foi lá que as minhas irmãs nasceram”, explica Anabela Ritchie. “Quando se vai falar com pessoas da minha idade, é imediatamente possível distribuir estas pessoas por três grupos, consoante o lugar em que nasceram.”

Mas a sede da representação diplomática de Portugal na Região Administrativa Especial de Macau é importante para Anabela Ritchie também por outras razões. “Estou particularmente satisfeita com a solução que foi dada ao Hospital de São Rafael. A principal razão prende-se com o reaproveitamento do edifício. Por outro lado, está lá o IPOR e eu fui a sua primeira presidente”, esclarece. “Eu chego lá e sinto que há recordações muito doces, há um sentido de pertença a qualquer coisa. Macau mudou de estatuto, mas ali a gente sabe que há uma concentração de valores que nos são muito caros. É um pedaço de mim”, reconhece Anabela Ritchie.



© DIREITOS RESERVADOS

“Eu sou gente de São Lourenço”

“HAVIA um grande sentimento de pertença e não estou a idealizar ou a romantizar aquele tempo. Alguns amigos tornaram-se para nós como se fossem irmãos.” Anabela Ritchie vive há trinta anos na Taipa, mas os caminhos da memória empurram-na com frequência para os recantos do Lilau, para as ladeiras da Penha e para as magras ruas que conduziam à Praia Grande e à Igreja de São Lourenço.

“Havia ali um grande sentido comunitário que hoje é difícil de alcançar”, refere. “Nós éramos do Lilau, éramos da Barra. Havia a noção de bairro e o bairro integra-se na gente. Eu sou da Barra e sou gente de São Lourenço”, complementa Anabela Ritchie.

O bairro de São Lourenço e, em particular, a Igreja homónima, continuam a ser referências incontornáveis: “Era onde alicerçávamos os nossos valores, em termos de educação religiosa e educação moral. Volto lá muitas vezes agora. Fico lá quietinha e parece que estou a ver os meus pais e os meus avós na Igreja. Era a Igreja dos meus pais e dos meus avós. A Igreja da minha gente”, assinala.



© DIREITOS RESERVADOS

Renascer na Praia

REGRESSOU a Macau, vinda de Portugal, onde era professora, e um convite feito ao marido – o médico Alfredo Ritchie – abre-lhe a porta de uma das vivendas que hoje integram as Casas-Museu da Taipa.

Entre 1975 e 1979, encontra na Avenida da Praia um novo sentido de pertença. “Nestas cinco casas, víamos cinco casais. Havia treze crianças, todas mais ou menos da mesma idade. As crianças brincavam juntas, jantávamos e íamos para Macau juntos. Criamos outra vez uma comunidade”, salienta Anabela Ritchie.

Em 1986, a docente troca as salas de aula por um lugar na Assembleia Legislativa e seis anos depois, em 1992, substituiu Carlos d’Assumpção como presidente do hemiciclo. O resto é história. A 5 de Dezembro de 1999, duas semanas antes da transferência de administração de Macau, as vivendas da Avenida da Praia transformaram-se oficialmente num museu. “A casa em que vivi foi transformada numa galeria que acolhe exposições temporárias. É um espaço muito agradável e esta solução permitiu que mais pessoas possam usufruir deste património”, defende Anabela Ritchie.



© DIREITOS RESERVADOS

MUITO PARA ALÉM DO MINCHI

Responsável pela cantina da Associação dos Macaenses, **Marina de Senna Fernandes** quer recuperar pratos e sabores há muito votados ao esquecimento e ajudar a consolidar um futuro mais risonho para a gastronomia macaense

Texto | Marco Carvalho

“**E** STAVA mais do que na altura de me dedicar àquilo que gosto de fazer.” É assim, de forma sucinta, mas firme, que Marina de Senna Fernandes, 63 anos, se reporta ao que diz ser uma das decisões mais fáceis que alguma vez tomou.

Em 2019, trocou um emprego estável no departamento jurídico de uma empresa local pela gestão da cantina da Associação dos Macaenses (ADM) e é, desde então, uma mulher com uma missão: a de resgatar pratos e sabores macaenses que há muito sucumbiram à voragem do tempo.

Antiga empresária, Marina de Senna Fernandes transformou, ao longo dos últimos três anos, as instalações da ADM num incontornável centro de irradiação da cultura gastronómica macaense. A associação promove com frequência workshops e acções de

formação centrados em aspectos muito específicos do sabor e do saber fazer culinário da comunidade macaense.

“A gastronomia macaense não se resume ao minchi, ao tacho e à capela. O nosso cardápio não é assim tão pequeno”, esclarece em entrevista à Revista Macau. “O que eu fiz foi pegar numa série de receitas, todas elas antigas, tiradas do baú, e comecei a ensinar como se preparam. São receitas que, hoje em dia, muito pouca gente confecciona. É nesta gastronomia que eu tenho andado focada, que tento resgatar desde há oito, nove anos”, ilustra a cozinheira.

Estratégia de sobrevivência

A grande adesão às iniciativas surpreendeu tudo e todos. O interesse manifestado pela comunidade chinesa nos segredos da gastronomia macaense abre, no entender de Marina de Senna Fernandes, novas perspectivas de futuro para

um repositório de práticas e conhecimentos há muito enredados num véu de incerteza. “Há um interesse não só da parte dos macaenses, mas também dos chineses locais. O que me parece é que eles acham que a nossa gastronomia também faz parte deles. Há um sentido de pertença e este aspecto é muito bom”, assume a responsável pela cozinha da ADM.

“Com a quantidade de pessoas que tivemos a participar nos workshops, fico com a sensação de que a nossa cozinha não vai morrer, porque eles lhe vão dar continuidade. Agora, o que nós temos que fazer é ensinar a cozinha correctamente”, defende Marina de Senna Fernandes.

Mais do que uma estratégia de sobrevivência, a divulgação de receitas e técnicas é uma responsabilidade a que aqueles que melhor conhecem os sabores macaenses não se podem furtar. Marina de Senna Fernandes desdenha do estatuto de guardião do conjunto das práticas e dos saberes que dão

© DIRETOS RESERVADOS



Marina de Senna Fernandes quer manter viva a riqueza da gastronomia macaense

forma à culinária macaense, mas admite que a comunidade tem pela frente uma corrida contra o tempo, se é que quer salvaguardar o seu legado gastronómico.

“É importante partilhar os nossos conhecimentos para não os deixar morrer. Se guardarmos agora o que sabemos, esta cozinha desaparece mesmo. Não há outra forma”, alerta.

O desafio da consolidação

Um dos desafios mais prementes passa por fazer com que a “cuzinhaçám di Macau” – que é, por natureza, caseira, variada e complexa – adquira uma dimensão mais comercial. No final de Fevereiro e no início de Março, Marina de Senna

Fernandes foi convidada para ministrar uma acção de formação no restaurante-escola do Instituto de Formação Turística de Macau (IFTM).

“Fui dar formação àqueles que cozinham neste momento no restaurante-escola do IFTM e foi uma experiência muito boa. Eu espero que ali possa ter deixado uma sementinha e que ela possa germinar”, salienta. “Estou também a ajudar algumas pessoas com os seus restaurantes. Estas pessoas estão a tentar colocar algumas coisas minhas [no menu], a experimentar e vamos ver se pega. A nossa cozinha, eu diria, pode estar em pé de igualdade com qualquer outra”, afiança.

A designação de Macau como Cidade Criativa da UNESCO na

área da Gastronomia e a inclusão da culinária macaense no acervo do Património Cultural Intangível da China ajudaram a projectar a gastronomia junto da comunidade chinesa, mas os sabores de Macau sempre fascinaram o mundo. Considerada por muitos como a primeira cozinha de fusão verdadeiramente global, a gastronomia macaense é, sustenta Marina de Senna Fernandes, o resultado de um caudal de influências que se foram apurando até emergir um património único.

É este carácter cosmopolita e eclético que justifica, no entender da responsável pela cozinha da ADM, o interesse que a culinária macaense sempre suscitou junto de chefs e de curiosos de todo o mundo. Na qualidade de consultora ou de colaboradora, Marina de Senna Fernandes ajudou a dar corpo a livros que se tornaram obras de referência, como “The Adventures of Fat Rice”, de Abraham Conlon e Adrienne Lo, ou “Taste of Macau”, da britânica Annabel Jackson. Por concretizar, mas ainda entre os planos, está o lançamento de uma obra em nome próprio que possa dar um contributo fundamental para a preservação da cultura gastronómica da comunidade macaense. “As pessoas para poderem aprender a cozinhar, para conhecerem a cozinha, têm de aprender a sua história também. E é isso que estou a tentar fazer”, adianta Marina de Senna Fernandes. ▽

VER VÍDEO AQUI



roteiro

+ EXPOSIÇÃO

O esplendor intemporal dos figurinos de Shiwan

Localizada a sudoeste de Foshan e há muito engolida pela vertiginosa expansão da cidade, a aldeia de Shiwan angariou notabilidade mundial graças à refinada estatuária cerâmica que ali é produzida há incontáveis gerações. A cerâmica de Shiwan é caracterizada pelo contraste entre o barro cozido e a delicadeza de um vidro que lhe garante um estatuto artístico único.

Cobiçada por colecionadores de todo o planeta, a cerâmica de Shiwan está entre o espólio mais valioso do acervo do Museu de Arte de Macau (MAM), entidade que agora expõe 33 das mais significativas peças e conjuntos escultóricos do período que medeia entre a recta final da dinastia Qing e a contemporaneidade.

Patente ao público até 13 de Novembro, a mostra reúne obras de mestres como Huang Bing, Chen Weiyan, Pan Yushu, Liu Chuan ou Liu Zemian. Entre os destaques da exposição estão seis figuras de grandes dimensões que pertenciam ao acervo de Manuel da Silva Mendes.



Exposição de Cerâmicas de Shiwan da Colecção do MAM

LOCAL Museu de Arte de Macau, 4.º Andar

DATA Até 13 de Novembro

HORÁRIO Aberto entre as 10 e as 19 horas. Encerra às segundas-feiras.

PREÇO Entrada Gratuita



WEBSITE
www.mam.gov.mo

+ EVENTOS

Em Maio, a cultura é quem mais ordena



O mês de Maio confunde-se, no imaginário da população de Macau, com o Festival de Artes (FAM) e é sinónimo de noites ricas e de efervescência cultural. A 32.ª edição do certame abriu a 29 de Abril com “Homem Livre do Sul”, uma criação do coreógrafo Willy Tsao inspirada na poesia de Li Bai, e volta a colocar ênfase em programas de Macau e do Interior da China.

O Festival, que se estende até 2 de Junho e apresenta 18 espectáculos e mais de duas centenas de actividades, tem na recriação da tragédia clássica “Electra” uma das suas principais notas de destaque.

A obra de Sófocles, numa versão produzida pelo Centro de Artes Dramáticas de Xangai e por uma equipa grega, sobe ao palco do Grande Auditório do Centro Cultural de Macau a 12 e 13 de Maio e é, a par de “Eu Sou Uma Lua” e da ópera “A Nova Estalagem Dragão”, um dos grandes motivos de interesse do FAM.

“Electra”

LOCAL Grande Auditório do Centro Cultural de Macau

DATA 12 e 13 de Maio

HORÁRIO 20 horas

PREÇO Entre 120 e 300 patacas

PREÇO Interpretado em Mandarim, com legendas em Inglês e Chinês



WEBSITE
www.ccm.gov.mo

+LIVRO

Périplo ilustrado pelos costumes e tradições de Macau

O que têm em comum o Festival do Dragão Embriagado, a Processão do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, o Teatro em Patuá ou a Música Ritual Taoísta? São todas manifestações culturais que integram o já vasto rol do inventário do Património Cultural Intangível de Macau. Um novo livro, publicado pelo Instituto Cultural em parceria com a Associação de Ilustradores de Macau, passa em revista os 70 registos culturais que integram actualmente o acervo do Património Cultural Intangível do território. Intitulada “Património Cultural Intangível de Macau”, a obra reúne dezenas de ilustrações, acompanhadas por descrições concisas e de fácil leitura, sobre cada uma das manifestações culturais que o Instituto Cultural se propõe salvaguardar.

Com textos em chinês e em português, o livro pode ser requisitado gratuitamente em qualquer biblioteca pública de Macau ou nos Centros de Informações ao Público. O número de exemplares disponíveis é limitado.



Património Cultural Intangível de Macau

AUTORIA Instituto Cultural e Associação de Ilustradores de Macau

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA História e Património

IDIOMA Português e Chinês

EDITOR Instituto Cultural

+NA REDE

Uma montra para os verdadeiros sabores de Macau



“Esta página é dedicada a partilhar e promover a Cozinha de Macau, aquela que é preparada e consumida nos lares macaenses”. É assim, com um manifesto sucinto, mas inequívoco, que o Instituto Internacional de Macau introduz o seu mais recente projecto, uma página na rede social Facebook destinada a promover os sabores e os saberes que dão corpo à gastronomia macaense.

Criada no final do ano passado, a plataforma “Cuzinham di Macau” propõe-se fomentar a partilha de receitas macaenses e permitir a “discussão de ideias”, com o propósito de “ampliar ainda mais o conhecimento da essência da gastronomia macaense”.

Com uma forte aposta nos conteúdos audiovisuais, desde que foi criada a página disponibiliza oito vídeos, em chinês e português, com a descrição passo-a-passo de várias receitas. Financiados pela Fundação Macau, os vídeos foram vistos quase três mil vezes nos três primeiros meses do ano.

ORGANIZAÇÃO Instituto Internacional de Macau

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Gastronomia Macaense

IDIOMA Português, Chinês e Inglês



WEBSITE

<https://www.facebook.com/cuzinhamdimacau>



“RUA DO CUNHA, MACAU” (2022)
Ilustração, caneta e aguarela

Luísa Petiz

ACTUALMENTE a viver e a trabalhar em Macau, Luísa Petiz é uma arquitecta portuguesa que se dedica quase exclusivamente ao design de interiores e às ilustrações em aguarela. Nascida em 1995, a sua prática artística desenvolve-se em torno do seu interesse pela cultura e paisagens orientais, através da reprodução de recantos característicos de Macau e outros lugares da China.

Entre Março e Abril deste ano, a exposição “Um olhar sobre o Oriente”, patente na Fundação Rui Cunha, apresentou alguns dos trabalhos mais recentes da artista, explorando o seu fascínio pelas imagens e cores do Oriente. Antes, em Junho de 2021, a mostra

“Macau em Aguarelas”, no Consulado Geral de Portugal em Macau e Hong Kong, marcou a sua estreia em exposições individuais. O trabalho da artista já despontou interesse no Interior da China. No ano passado, foi convidada a colaborar com a revista Elle Decoration China, com a aguarela “Hangzhou West Lake” publicada na edição de Maio de 2021 da publicação. ▲

Ver mais:



INSTAGRAM

EMAIL lpworldsketches@gmail.com

收藏

澳門郵票

Coleccion Selos de Macau

Collect Macao's Stamps



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau



4月 PRIMAVERA DAS ARTES #

藝遊春日

感受澳門 樂無限 **SENTIR MACAU**
Sem Limites



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

